

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS SANTANA DO LIVRAMENTO
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

CHEYHENNE DA COSTA SCHEPA

**A EMERGÊNCIA DO COMPLEXO OLIVÍCOLA EM SANTANA DO
LIVRAMENTO-RS: UMA ANÁLISE PELA ABORDAGEM DO
DESENVOLVIMENTO ENDÓGENO**

**Santana do Livramento
2018**

CHEYHENNE DA COSTA SCHEPA

**A EMERGÊNCIA DO COMPLEXO OLIVÍCOLA EM SANTANA DO
LIVRAMENTO-RS: UMA ANÁLISE PELA ABORDAGEM DO
DESENVOLVIMENTO ENDÓGENO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Profa. Dra. Debora Nayar Hoff

**Santana do Livramento
2018**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pela autora através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

S3389e Schepa, Cheyenne da Costa

A Emergência do Complexo Olivícola em Santana do Livramento- RS: Uma análise pela abordagem do Desenvolvimento Endógeno / Cheyenne da Costa Schepa.

76 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, CIÊNCIAS ECONÔMICAS, 2018.

"Orientação: Debora Nayar Hoff".

1. desenvolvimento local. 2. olivicultura. 3. desenvolvimento regional. I. Título.

CHEYHENNE DA COSTA SCHEPA

**A EMERGÊNCIA DO COMPLEXO OLIVÍCOLA EM SANTANA DO
LIVRAMENTO-RS: UMA ANÁLISE PELA ABORDAGEM DO
DESENVOLVIMENTO ENDÓGENO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 30, Dezembro, 2018.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Debora Nayar Hoff
Orientadora
(UNIPAMPA)

Prof. Dra. Patrícia Eveline Roncato dos Santos
(UNIPAMPA)

Prof. MSc. Margarete Leniza Gonçalves
(UNIPAMPA)

Dedico este trabalho a todos que amo. A toda minha família, em especial aos meus pais, Tania Cristina da Silva da Costa e Claudimir Osório Schepa, por toda forma de amor, pois sempre deram o melhor que podiam e me ensinaram ser o que sou, devo tudo a vocês! Ao meu namorado, Marcelo Ritter, pela paciência e ajuda. Essa conquista é de vocês!

AGRADECIMENTO

Agradecer é reconhecer que a caminhada só foi possível graças ao apoio, orações, incentivo de inúmeras pessoas dentre as quais quero nesta oportunidade destacar:

Quero agradecer a Deus por ter me dado força e capacidade para acreditar no meu sonho e lutar por alcançar aquilo que acredito, mesmo com tantas barreiras que só eu posso mensurar. A minha mãe Tania Cristina da Silva da Costa por ser uma guerreira, não medindo esforços para me ver bem e poder estar sempre presente. Por sempre me dar forças em cada momento de dificuldade e me ensinando a ter calma mesmo nas situações mais difíceis.

Ao meu pai Claudimir Osório Schepa, por estar sempre ao meu lado, me apoiando em todas minhas decisões, e me incentivando a nunca desistir dos meus objetivos.

A minhas irmãs Thayane da Costa Schepa e Dinnefer Helena de Menezes Schepa, amo vocês. Ao meu namorado Marcelo Ritter por todo amor e carinho que teve sempre comigo nessa longa caminhada, por toda a paciência nos dias mais turbulentos. Amo você.

Aos meus sogros por toda a paciência e ajuda cedida nestes dias tão turbulentos, meu carinho! A minha segunda mãe Maria Cristina de Menezes Linhares, por todo amor e cuidado que sempre teve por mim, e pela educação que me deu.

A minha orientadora e amiga Dra Debora Nayar Hoff, por sua paciência no ensino e seu conhecimento que iluminou o caminho para a construção deste trabalho. És uma pessoa que admiro muito.

Ao conjunto de professores da Universidade Federal do Pampa, que tanto colaboraram para o meu conhecimento.

Aos meus colegas e amigos que fiz na Universidade Federal do Pampa, pelo companheirismo sem igual.

A minha família e a todos os amigos eu faço meu agradecimento porque nunca duvidaram das minhas capacidades e tornaram possível a realização do meu objetivo.

Enfim, a todas as pessoas que não mencionei eu quero deixar claro que não estão esquecidas, pois se me tocaram de algum modo podem ter certeza que agradeço de todo o meu coração. Obrigado.

“Consagre ao Senhor tudo o que você faz, e os seus planos serão bem-sucedidos”.

Provérbios 16:3

RESUMO

A demanda pela propagação das áreas de plantio de oliveiras pelo mundo vem aumentando pelo fato de os países produtores tradicionais estarem com suas áreas de plantio ocupadas. O município de Santana do Livramento - RS apresenta clima, condições geográficas e território que permitem a emergência do setor produtivo, o que começa a ser observado. Neste contexto, este estudo busca analisar a emergência do complexo olivícola em Santana do Livramento a partir das características do desenvolvimento regional endógeno, tem como objetivo específico descrever o seu histórico de desenvolvimento do setor olivícola, com a investigação da evolução da produção olivícola do município e compará-lo ao Rio Grande do Sul e ao Brasil, caracterizando os produtores do setor estabelecidos no município e identificar suas características de emergência e evolução do setor no que se refere ao desenvolvimento regional endógeno. Para atingir aos objetivos propostos foram identificados 17 produtores no município de Santana do Livramento-RS e destes 12 foram entrevistados, por meio de uma pesquisa de natureza empírica e de caráter exploratório descritivo. Optou-se por uma abordagem qualitativa e quantitativa, dadas as características dos objetivos específicos delineados. Os principais resultados indicam que apesar do cultivo de oliveiras no município de Santana do Livramento ser recente, ter apenas nove anos, já é considerado produtivo e inclui produtos industrializados. Além disso, a pesquisa permite dizer que a longo prazo poderá vir a ser considerado um setor desenvolvimento endógeno, pelo fato de já existirem na cadeia do setor olivícola do município algumas características deste tipo de desenvolvimento, tais como: a cooperação entre alguns produtores do município, a busca e o encontro da maior parte dos insumos dentro do município, assim como a mão de obra. E os excedentes (lucros) dos produtores que já produzem ficam principalmente no município, e são utilizados em infraestrutura, tecnologia e expansão do empreendimento rural e em benefício da família. Complementarmente, demonstra que a cultura de oliveiras está se estruturando dentro do município e com o suporte necessário para o produtor seguir com o cultivo o município terá retornos positivos futuramente, não só no setor olivícola mas também noutros setores como no turismo.

Palavras chave: desenvolvimento local, olivicultura, desenvolvimento regional

RESUMEN

La demanda por propagación de las áreas para plantación de oliva en el mundo viene aumentando por el hecho de que los países productores tradicionales están con sus áreas de plantación ocupadas. El municipio de Santana do Livramento - RS presenta clima, condiciones geográficas y territorio que permiten el surgimiento del sector productivo, lo que comienza a ser observado. En este contexto, este estudio busca analizar el surgimiento del complejo olivícola en Santana do Livramento a partir de las características del desarrollo regional endógeno, describiendo su histórico de desarrollo del sector olivícola, con la investigación de la evolución de la producción olivícola del municipio y compararlo a Rio Grande do Sul y al Brasil, caracterizando los productores del sector establecidos en el municipio e identificar sus características de surgimiento y evolución del sector en lo que respecta al desarrollo regional endógeno. Para lograr los objetivos propuestos fueron identificados 17 productores en el municipio de Santana do Livramento y de éstos, 12 fueron entrevistados, por medio de una pesquisa de naturaleza empírica y de carácter exploratorio descriptivo. Se optó por un abordaje cualitativo y cuantitativo, dadas las características de los objetivos específicos apuntados. Los principales resultados indican que, a pesar de que el cultivo de olivas en el municipio de Santana do Livramento-RS es reciente, tiene solamente nueve años, ya es considerado productivo e incluye productos industrializados. Además de eso, la pesquisa permite declarar que a largo plazo se lo podrá considerar un sector de desarrollo endógeno, por el hecho de que existen en la cadena del sector olivícola del municipio algunas características de ese tipo de desarrollo, a saber: la cooperación entre algunos productores del municipio, la búsqueda y el encuentro de la mayor parte de los insumos dentro del municipio, así como la mano de obra. Y los excedentes (lucros) de los productores que ya producen se quedan principalmente en el municipio, y son utilizados en infraestructura, tecnología y expansión del emprendimiento rural y en beneficio de la familia. De forma complementaria, demuestra que la cultura de olivos se está estructurando dentro del municipio e con el soporte necesario para que el productor siga con el cultivo. El municipio tendrá retornos positivos en el futuro, no sólo por el sector olivícola, pero también en otros sectores como el turismo.

Palabras clave: desarrollo local, olivicultura, desarrollo regional.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Oliveira (<i>Olea europaea L.</i>).....	30
Figura 2 – Mapa Mundi com a localização mundial das regiões produtoras de Oliveiras e período de inserção da produção	31
Figura 3 – Principais produtores mundiais de azeitonas, no período de 2000 a 2016, em toneladas, produzidas ao ano	32
Figura 4– Produção mundial de azeitonas, no período de 2000 a 2016, em milhares de toneladas, produzidas ao ano	33
Figura 5 – Produção de azeitonas no Brasil, de 2000 a 2016, em toneladas	36
Figura 6 – Comparação da evolução da produção total de azeitonas do Brasil e da Espanha, entre 2000 e 2016, em toneladas.....	37
Figura 7 – Importação de azeite de Oliva no Brasil, de 2000 a 2016, em toneladas	38
Figura 8– Principais desafios da Olivicultura Brasileira	39
Figura 9 – Produção brasileira de azeitonas, por estado da federação, entre 2000 e 2016, em toneladas	40
Figura 10 – Zoneamento edafoclimático da Olivicultura para o Rio Grande do Sul	42
Figura 11– Distribuição dos Olivais no Rio Grande do Sul, por região, considerando-se área plantada e participação relativa da região na área plantada do estado.....	43
Figura 12 – Produção de azeitonas no Rio Grande do Sul, por município produtor, entre 2011 e 2016, em toneladas.....	44
Figura 13 – Mapa com a localização de Santana do Livramento	45
Figura 14 – Azeites produzidos no município de Santana do Livramento	47
Figura 15 – Mapa com a localização das propriedades Olivícolas dede Santana do Livramento	49
Figura 16 – Perfil do empreendedor olivícola das propriedades pesquisadas em Santana do Livramento, em 2018.....	52
Figura 17 – Participação em Organizações ou Associações Setoriais entre as propriedades olivícolas pesquisadas em Santana do Livramento, em 2018.....	54
Figura 18 – Presença de cooperação informal entre as propriedades olivícolas pesquisadas em Santana do Livramento, em 2018	55
Figura 19– Utilização de recursos oriundos de fontes externas para o desenvolvimento do empreendimento entre as propriedades olivícolas pesquisadas em Santana do Livramento, em 2018.....	56
Figura 20 – Percepção dos pesquisados das propriedades olivícolas em Santana do Livramento sobre a forma como são recebidos pelos demais atores envolvidos no desenvolvimento regional, em 2018	59
Figura 21– Frequência de participação dos olivicultores de Santana do Livramento em atividades locais.....	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1– Características do Desenvolvimento Regional Endógeno de acordo com o referencial consultado	23
Quadro 2 – Quadro resumo das variáveis, técnicas e fontes utilizadas na pesquisa.....	28
Quadro 3– Períodos de desenvolvimento das oliveiras	31
Quadro 4 – Práticas favoráveis ao desenvolvimento endógeno entre propriedades olivícolas pesquisadas de Santana do Livramento, em 2018.	57
Quadro 5– Consolidação da análise sobre as características de desenvolvimento da olivicultura em Santana do Livramento confrontada com elementos da revisão de literatura.....	62

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Principais exportadores de azeitonas no mundo, de 2000 a 2016, em toneladas exportadas	34
Tabela 2 – Produção total de azeitonas em Santana do Livramento, em comparação com a produção total do Rio Grande do Sul e do Brasil, para o período de 2014 a 2017.....	48
Tabela 3 – Característica das propriedades Olivícolas pesquisadas em Santana do Livramento, em 2018	50

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. DESENVOLVIMENTO REGIONAL E DESENVOLVIMENTO ENDÓGENO	17
2.1 DESENVOLVIMENTO REGIONAL ENDÓGENO	19
3. METODOLOGIA.....	24
3.1 TÉCNICAS DE PESQUISA SELECIONADAS E INSTRUMENTO DE PESQUISA	24
3.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS	25
4. PANORAMA OLIVÍCOLA: DO MUNDO AO RIO GRANDE DO SUL	29
4.1 OLIVICULTURA NO MUNDO.....	29
4.2 OLIVICULTURA NO BRASIL.....	35
4.3 OLIVICULTURA NO RIO GRANDE DO SUL.....	41
5. O DESENVOLVIMENTO DA OLIVICULTURA EM SANTANA DO LIVRAMENTO.....	45
5.1 O MUNICÍPIO DE SANTANA DO LIVRAMENTO.....	45
5.2 A INSERÇÃO DA OLIVICULTURA EM SANTANA DO LIVRAMENTO.....	46
5.3 CARACTERÍSTICAS DOS PRODUTORES E PROPRIEDADES OLIVÍCOLAS PRESENTES NO MUNICÍPIO	48
5.3.1 Estágio de Evolução da produção do pomar.....	50
5.3.2 Trajetória da organização da atividade	51
5.3.3 Perfil do empreendedor.....	51
5.4 O DESENVOLVIMENTO DO SETOR SOB A ÓPTICA DO DESENVOLVIMENTO ENDÓGENO	53
5.4.1 Sobre o processo cumulativo	53
5.4.2 Destino do excedente econômico	55
5.4.3 Práticas da propriedade rural em prol do desenvolvimento endógeno	56
5.4.4 Análise das relações do setor com a sociedade local.....	58
5.4.5 Análise do planejamento de desenvolvimento local.....	59
5.4.6 Análise consolidada sobre o desenvolvimento endógeno da olivicultura em Santana do Livramento.....	61
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS	66
ANEXOS	72

1. INTRODUÇÃO

A olivicultura, também conhecida como cultivo de oliveira, produz um fruto chamado azeitona e um produto industrializado demandado em vários mercados: o azeite de oliva. Pode ser denominado um dos cultivos mais antigos conhecido pelo homem, com origem das regiões mediterrâneas. O mesmo tem se alastrado em todos os continentes do mundo, particularmente em regiões de clima subtropical e temperado (DA SILVA, 2013).

A oliveira foi inserida no Brasil há muitos séculos e adaptou-se em quase todos os Estados da Federação, mas principalmente nas regiões Sul e Sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). A área de plantio e a produção ainda são pequenas no Brasil, mas tem um grande mercado consumidor. O Brasil é o quinto maior importador mundial de azeite de oliva e ocupa o quarto lugar de maior importador mundial de azeitonas de mesa (COUTINHO; RIBEIRO; CAPPELLARO, 2009).

Já no Rio Grande do Sul, a cultura da oliveira foi inserida em 1948, por meio da criação do órgão especializado da Secretaria da Agricultura (serviço oleícola), com o intuito de gerir e guiar os trabalhos de estímulo para o desenvolvimento e pesquisa dessa atividade produtiva. Um dos pioneiros na plantação foi o município de Uruguaiana, por meio do Embaixador Batista Luzardo, que plantou na Fazenda São Pedro um grande olival (cerca de 72.000 mudas), plantas originárias da Argentina. Análises foram feitas em laboratórios brasileiros e italianos das azeitonas e do azeite produzido no Brasil, sendo comprovado que a qualidade das azeitonas e do azeite produzido no Brasil equivalem aos produtos italianos. Baseado nestas análises laboratoriais, o plantio se expandiu por todo o estado do Rio Grande do Sul (COUTINHO; RIBEIRO; CAPPELLARO, 2009).

Nos últimos anos, pelo aumento de demanda, vem crescendo a necessidade de propagação das áreas de plantio pelo mundo. Os países tradicionais que produzem oliva já estão com suas áreas de plantio ocupadas. E na busca por novas áreas, o caminho é que a cultura ocupe zonas marginais e novas áreas de produção encontrem espaço de comercialização. Com isso, ocorre a necessidade de desenvolver novas cultivares, específicas para essas zonas, adaptadas aos novos ambientes de plantio. No entanto, mesmo com a adaptação das cultivares a novas regiões, o clima é um fator importante para a seleção dos locais mais aconselháveis para o plantio, pois afeta diretamente florescimento, polinização, fixação, época de maturação dos frutos e na qualidade do azeite e da azeitona (WREGGE; COUTINHO; PANTANO; JORGE, 2015).

Pode ser observado com base nas informações da Coutinho, Ribeiro e Cappellaro (2009) que, de acordo com experiências de plantio nos países do mediterrâneo, a temperatura adequada para que ocorra a frutificação efetiva normal, não deve ser maior que 35 °C ou ser menor que 25 °C. Nestas condições, as plantas são capazes de suportar altas temperaturas no verão, próximas a 40 °C, e os ramos e folhas se permanecem sem queimaduras. O município de Santana do Livramento-RS está situado no paralelo 31, seu clima no verão é considerado morno e úmido, o inverno é ameno. E durante todo o ano, em geral, a temperatura varia de 8 °C a 31 °C e raramente é menor a 2°C e maior que 35 °C (COUTINHO; RIBEIRO; CAPPELLARO, 2009). Esses autores observam que o município de Santana do Livramento por suas características geográficas e ambientais, representa um território propício para o desenvolvimento da olivicultura.

A olivicultura teve início no município de Santana do Livramento-RS no ano 2009, tendo sua primeira produção no ano 2014, atingindo 18,77% da produção do estado do Rio Grande do Sul (IBGE, 2018). Mantendo-se líder na produção em toneladas de azeitonas até o ano 2016 que foi o estudado neste trabalho.

O desenvolvimento endógeno tem o propósito de suprir às necessidades e demandas da população local, por meio da participação ativa da comunidade envolvida. Esse desenvolvimento tem como intuito buscar e alcançar o bem estar econômico, social e cultural da comunidade local ao todo. Influenciando os aspectos produtivos, a estratégia de desenvolvimento busca também atuar nas dimensões sociais e culturais que representam o bem estar da sociedade, com base nas características e capacidades de cada economia e sociedade local com isso, pode vir a nascer o desenvolvimento endógeno (BARQUERO,2001).

A cultura da plantação de oliveiras tem expandindo-se por meio de esforços de vários investidores individuais, tendo-se a expectativa de que o resultado do processo produtivo poderá contribuir para o desenvolvimento da região, se for investido localmente. Mas, isso ainda é uma expectativa, uma vez que não existem estudos, neste sentido, para o setor. Neste contexto, questionou-se: A emergência do complexo olivícola em Santana do Livramento apresenta características que permitam classificar o processo como típico de desenvolvimento regional endógeno?

Nesse sentido, o objetivo geral do estudo foi analisar a emergência do complexo olivícola em Santana do Livramento-RS a partir das características do desenvolvimento regional endógeno. Os objetivos específicos apontam-se os seguintes: A) Descrever o histórico de desenvolvimento do setor olivícola em Santana do Livramento – RS; B) Investigar a evolução da produção olivícola em Santana do Livramento - RS em comparação com o Rio Grande do Sul e o Brasil; C) Caracterizar os produtores do setor olivícola

estabelecidos em Santana do Livramento – RS e D) Identificar as características de emergência e evolução do setor no que diz respeito ao desenvolvimento regional endógeno.

A proposta deste estudo foi analisar a emergência de um novo setor produtivo no município de Santana do Livramento-RS, buscando verificar se traz na sua gênese características que contribuirão para o desenvolvimento regional. Sendo um setor cujos estudos aplicados, regionalmente e neste sentido, são poucos, a principal justificativa reside no fato de contribuir-se para construção de conhecimento a seu respeito. O conhecimento setorial pode contribuir para iniciativas mais focadas e adequadas para alavancar seu desenvolvimento, principalmente quando se pensa em políticas públicas.

Por ser uma “cultura jovem” que está em pleno desenvolvimento no Brasil, essa pesquisa contribuiu para a obtenção do conhecimento sobre este cultivo, ajudando a compreender a dinâmica inicial de seu desenvolvimento no município de Santana do Livramento-RS. Justifica-se ainda o esforço de pesquisa, pois o desenvolvimento de conhecimento sobre os setores produtivos em funcionamento estabelece-se no compromisso da universidade com o desenvolvimento da região.

O trabalho está dividido em seis capítulos, onde o primeiro capítulo refere-se à introdução, que mostra assuntos sobre o problema do estudo e sua importância. No segundo capítulo está a revisão de literatura, onde enfatiza-se os conceitos de desenvolvimento regional e desenvolvimento endógeno, descrevendo os elementos que os compõem. No terceiro capítulo é apresentada a metodologia utilizada no estudo, incluindo as técnicas de pesquisa, coleta de informações e análise dos dados. No capítulo quatro são apresentadas informações referentes ao tema escolhido, feito um panorama da olivicultura que vai do mundo ao Rio Grande do Sul. No quinto capítulo são apresentados os resultados e dados do município de Santana do Livramento, referentes ao estudo realizado, tendo como base o referencial teórico selecionado. E por fim, o capítulo seis limita-se em apresentar as considerações finais deste estudo.

2. DESENVOLVIMENTO REGIONAL E DESENVOLVIMENTO ENDÓGENO

Neste capítulo é abordado o conceito de desenvolvimento regional, no qual alguns autores corroboram sua teoria e logo após será abordada a teoria do desenvolvimento endógeno.

Seguindo as mudanças estruturais da economia, as teorias de desenvolvimento regional foram modificadas notavelmente ao passar dos anos. Esse progresso pode ser observado em três períodos distintos. O primeiro vai de 1800 até a metade do século XX, tendo como as teorias tradicionais de localização industrial, com ênfase nos pensadores Von Thunen, Weber, Cristaller, Losch e Isard, esses autores têm como princípio em suas análises a distância e a área. Eles procuram estabelecer modelos de localização da produção de maneira a diminuir os custos de transporte. Essas teorias limitam-se em quantificar os custos e os lucros que uma determinada firma terá se posta em uma determinada região, procurando identificar qual a localização mais favorável a ela (FOCHEZATTO, 2010).

O segundo período de construção de teorias de desenvolvimento regional inicia-se no decorrer da década de 1950, estendendo-se até meados da década de 1980. Neste período formularam-se conceitos e métodos de desenvolvimento regional focados em um outro conjunto de conceitos: A. O conceito de Polo de Crescimento, onde discorre-se sobre a possibilidade da vida econômica ser resultante da ação particular de empresas, as quais, por sua proporção e acomodação, são capazes de executarem um papel dominante e articular do restante da economia – as chamadas firmas ou setores motrizes (PERROUX, 1955); B. O conceito de Causação Circular Cumulativa, o qual procura dizer que o crescimento da economia em alguma região produz um “círculo vicioso” que é motivado pela migração de capital humano, movimento de capitais, elevação na taxa de natalidade, entre outros. Ao contrário, as economias que não usufruem deste processo apresentam um “círculo vicioso”, onde com o encerramento de empresas, por consequência aumenta o desemprego, logo, reduz a renda da região, que causa novos desempregos (MYRDAL, 1957); e C. O conceito de Efeitos Encadeadores para frente e para trás. O efeito em cadeia para frente é de difícil visualização, é preciso acompanhamento dos efeitos de cadeia para trás, que se originam da pressão à procura. Estes efeitos de encadeamento podem gerar dinâmicas econômicas mais amplas, a partir da movimentação de poucos setores produtivos, muito encadeados com o restante do sistema econômico. É visto o processo de desenvolvimento como uma cadeia de desequilíbrios (HIRSCHMAN, 1958).

As teorias, desse segundo período, destacam as correlações setoriais como razão da localização das firmas e de desenvolvimento da região. Desta maneira, em comparação ao

primeiro período essas teorias tendem a integrar a ideia de economias externas. Para CAVALCANTE (2008), com início na década de 1950 as teorias de desenvolvimento regional começam a ser elaboradas, destacando algum tipo de método dinâmico de auto-reforço conseguinte de externalidades que se originam de aglomeração industrial. Ele não define qual foi o primeiro teórico a fundamentar a questão da aglomeração como sendo um fator de localização de novas atividades e conseqüentemente do crescimento, mas acredita que Alfred Marshall pode ser o precursor nessa questão.

A partir dos anos de 1970 e 1980, quando o conjunto de questões do desenvolvimento regional alterou-se e se renovou, a função das empresas de grande porte, na teoria dos pólos de crescimento e nas visões centro-periferia, deu lugar para a procura de novos métodos para o estudo do desenvolvimento regional (CAVALCANTE, 2008). Este terceiro período gerou teorias que visavam a inclusão de externalidades dinâmicas do estilo marshallianas nas economias locais. Apesar dos pensadores deste período terem este pensamento em comum, o grupo se subdivide em duas abordagens diferentes, tendo de um lado Arthur e Krugman, de outro têm-se autores institucionalistas e evolucionistas, dentre os quais Becattini e Storper. A vertente de Arthur e Krugman incluía em seus fundamentos as ideias marshallianas de economias externas, não unicamente no fundamento tecnológico, como também monetário e os rendimentos de crescente escala. A vertente de Becattini e Storper incluía também em seus fundamentos as economias marshallianas, porém, distintamente dos anteriores, aumentando os retornos crescentes, elencando função significativa para os agentes locais na composição de fatores e na organização do processo acumulativo. O que difere esse subgrupo de evolucionistas e institucionalistas para o subgrupo de Krugman, é que neste grupo o processo cumulativo passa pela relação e pela organização entre os agentes, enquanto no de Krugman ele passa particularmente pelo sistema de preços e pelo mercado (FOCHEZATTO, 2010).

Cavalcante (2008) acredita que até a efetivação dos efeitos da terceira revolução industrial nas teorias do desenvolvimento regional, estas eram divididas em duas correntes de pensamentos principais: A. a corrente de Von Thunen (1926) e Isard (1956), que elegiam o fator de localização como elemento dinâmico do desenvolvimento; e B. as teorias elaboradas por meio do referencial de Marshall (1980) e Keynes (1936), representadas principalmente por Perroux (1967), Myrdal (1965) e Hirschman (1961), que elegiam a industrialização como elemento dinâmico do desenvolvimento.

Com base nas abordagens conceituais sobre o desenvolvimento regional, é possível notar semelhanças nas reflexões dos autores que estudam sobre este tema. Para Amaral Filho (1995) a maior parte dos autores que se dedicam há décadas a estudar os conceitos que referenciam o desenvolvimento das regiões concorda que estão surgindo novas janelas de

oportunidades. Estas oportunidades permitiriam que as regiões, fora dos grandes centros de aglomeração, constituam processos de desenvolvimento por meio de políticas de implantação de distritos industriais de modelo marshalliano ou por meio de reorganização regional constituída na elevada tecnologia e no aumento de inovações.

Neste sentido, a próxima seção irá apresentar com base na conceituação de alguns autores o desenvolvimento regional endógeno, que acontece de baixo para cima, onde o desenvolvimento e o crescimento da região é concebido por meio de cooperação da sociedade, através de modificações nas ideias e inovações, objetivando a melhoria da região.

2.1 DESENVOLVIMENTO REGIONAL ENDÓGENO

As preocupações mais evidentes acerca da questão do desenvolvimento local têm início na década de 1990. Naquele momento buscavam-se alternativas de como empreender iniciativas de desenvolvimento por meio de características, capacidades e recursos locais. Neste momento aparecem, de forma mais evidente, discussões acerca do desenvolvimento endógeno. O que o diferencia do desenvolvimento exógeno é que o desenvolvimento endógeno, tem como proposta de desenvolvimento a sua estruturação por meio dos próprios atores locais (de baixo para cima), ao contrário do exógeno, que depende do planejamento centralizado (de cima para baixo). Deste modo, uma parte das novas teorias econômicas, que estudam a questão regional, tem em comum a tentativa de integrar o método geral de reformulação produtiva e de rápida divisão internacional do trabalho com o uso de métodos que concedem sustento para as estratégias de localização das firmas e às estratégias de desenvolvimento regional (TENÓRIO, 2007).

Para Garofili (1992, apud. AMARAL FILHO, p. 45, 1996) as características do desenvolvimento endógeno:

Não devem ser distorcidas nem tomadas como uma ortodoxia. Ao contrário de ser um conceito correntemente associado ao fechamento e ao isolamento, ou ainda ao auto-centrismo e auto-suficiência de uma determinada região, o desenvolvimento endógeno deve ser entendido, antes de tudo, como um processo de transformação, fortalecimento e qualificação das estruturas internas de uma região. Isso deve ser processado no sentido de criar um ambiente ótimo e atrativo para capturar e consolidar um desenvolvimento originalmente local, e/ou permitir a atração e localização de novas atividades econômicas numa perspectiva de economia aberta (e mesmo globalizada) e de sustentabilidade.

O conceito de desenvolvimento endógeno, da ótica regional, é compreendido como um meio de crescimento econômico que resulta em uma contínua expansão da capacidade de agregação de valor sobre a produção e o potencial de uma determinada região em absorvê-la,

no qual o empenho é a retenção de excedente econômico criado na economia local ou a atração de excedentes originários de outras regiões, este processo todo resulta no aumento do emprego, do produto e da renda do local ou da região (AMARAL FILHO, 2001).

Nesse sentido, a aparência nova do processo que traz à concepção um novo modelo de desenvolvimento regional endógeno, resulta de que a interpretação do dito modelo de desenvolvimento agora não é mais elaborado pelo planejamento centralizado, mas sim pelos próprios atores locais (AMARAL FILHO, 1996). Para que o crescimento ocorra no longo prazo com características positivas, como com a competitividade, distribuição de renda e o mínimo de impacto ambiental, é essencial que o método de desenvolvimento local seja efetuado de forma que inclua outros fatores de produção, bem como ciência e tecnologia, capital humano, pesquisa e desenvolvimento, conhecimento, instituição e meio ambiente. Todos estes fatores devem ser estabelecido dentro da região pelo meio endógeno (AMARAL FILHO, 1996).

Neste seguimento, o desenvolvimento endógeno / local é baseado na realização de políticas de fortalecimento e qualificação das estruturas internas visando à fundação do desenvolvimento como algo que gera a inovação. A teoria endógena / local, sendo um progresso da teoria regional, acredita que a sociedade e as relações sociais têm um papel importante no processamento de desenvolvimento de uma determinada região (STEINKEL; BAUMGARTEN, 2017).

Conforme Cabugueira (2000), ainda em relação ao desenvolvimento endógeno, questões consideradas de grande relevância, sendo uma delas a questão de saber distinguir quais são os elementos de partida para o desenvolvimento local, diz-se que em maior parte é de ordem cultural, os meios, as formas de pensar e agir constituem frequentemente um papel estimulante nos processos de desenvolvimento econômico local, antes de tudo é necessário que seja entendido que cada local tem seus costumes, suas características únicas.

Conforme a Agência de desenvolvimento de Jundiaí e Região - ADEJ (2018), o desenvolvimento endógeno é o desenvolvimento elaborado com recursos endógenos, ou seja, recursos provenientes da própria região, normalmente esse desenvolvimento possibilita a maximização do uso de fornecedores de materiais e serviços locais. Geralmente as empresas são pequenas e micros, e são fortes geradoras de empregos em comparação ao capital investido quando assemelhado às empresas de porte maior. Apresentam-se de forma harmônica com a cultura empresarial local e com o perfil dos recursos humanos locais, a promoção deste tipo de desenvolvimento propõe estimular sentido empreendedor nos cidadãos, ou seja, possibilitar o empreendedorismo, propiciar as incubadoras de empresas,

organizar os métodos sócio-produtivos mais favoráveis, ofertar capacitação empresarial, gerencial e tecnológico, desenvolver APLs locais, contribuir para o acesso a crédito ou micro-crédito e desenvolver mecanismos como o Desenvolvimento Local, Integrado e Sustentável.

Nesta mesma concepção, o desenvolvimento das regiões pequenas passa por sua organização interna, mobilização das forças locais, que é formada pelos empresários existentes e potenciais, universidades, prefeituras, secretarias de Estado e outros órgãos públicos que tem vínculo com a questão regional (SOUZA, 2009) e reafirmando este sentido TENÓRIO (2007), diz que o desenvolvimento local tem como objetivo fortalecer o potencial do território por meio de ações endógenas, planejada pelos seus vários atores, sendo a sociedade civil, o mercado e o poder público.

Neste mesmo sentido “O desenvolvimento endógeno defende a flexibilidade frente às formas rígidas de organização da produção” (BARQUERO, 2001, p. 92), essa afirmação conforme o autor mostra que os sistemas produtivos locais são capazes de retomar as economias externas não usadas, que estão “escondidas” no sistema e para que isso ocorra é necessário que seja proposto que o sistema de relações econômicas, sociais e institucionais com o envolvimento dos atores conservem a utilização e a introdução das inovações e consequentemente, os processos de desenvolvimento.

Seguindo neste mesmo pensamento, conforme Costa (2005), os modelos de desenvolvimento endógeno originaram-se da junção de ideias que demonstram o valor da abordagem do potencial de mercado, o que se pressupõe que tem capacidade para mostrar uma definição suficientemente objetiva da hierarquização econômica dos lugares, à vista disso auxiliar para descrever o significado econômico de sua distribuição espacial. Não possui elementos para explicar como tal configuração se instituiu nem se quer para mostrar suas tendências. Portanto, é preciso a utilização das noções de causação circular e cumulativa de Myrdal, 1958 e a teoria de lugar centro de Christaller, 1933, sendo a causação circular precisa, pois é coerente supor que as tendências incluem estruturas de mercado que simultaneamente derivam e concedem rendimentos crescentes sendo originado pela aglomeração, e a teoria de lugar centro, pois essa teoria leva em conta o peso dos custos de transporte na regulação de aglomerações.

Conforme Barquero:

Normalmente a forte identidade da cultura local tende a assimilar as novas realidades produtivas e os novos esquemas de relações sociais, e os novos valores encontram um eco favorável nas zonas de desenvolvimento local. Desta feita, tendem a integrar-se com um mínimo de custos sociais e culturais, já que são respostas viáveis aos problemas locais. As atividades industriais se integram na vida social e cultural local, incorporando novos valores que desenvolvem e potenciam os antigos, sem criar um certo conflito e contradições no processo de adaptação (1988, p. 90).

Neste sentido, o desenvolvimento regional endógeno, por considerar e dar importância à sociedade civil local e aos processos de relação social e de organização, possibilita que a região alcance um crescimento em equilíbrio e sustentado a longo prazo, sem divergir com a base cultural e social da região (BARQUERO, 1988).

Diante da conceituação dos autores abordados, são harmoniosas quando falam que o desenvolvimento endógeno faz parte da questão regional, mostrando que o desenvolvimento endógeno contribui para a superação da problemática das desigualdades regionais e expõe os instrumentos de política necessários para a sua correção.

Dado esta revisão de literatura, pode-se dizer, que de modo geral, o desenvolvimento endógeno tem as seguintes características, apresentadas no quadro 1.

Quadro 1– Características do Desenvolvimento Regional Endógeno de acordo com o referencial consultado

Característica	Referências
O processo cumulativo passa pela relação entre os agentes e pela capacidade de organização coletiva destes.	FOCHEZATTO, 2010
Retenção de excedente econômico criado na economia local ou a atração de excedentes originários de outras regiões, resultando no aumento do emprego, do produto e da renda do local ou da região.	AMARAL FILHO, 2001
Inclusão de outros fatores de produção, bem como ciência e tecnologia, capital humano, pesquisa e desenvolvimento, conhecimento, instituição e meio ambiente. Todos estes fatores devem ser estabelecidos dentro da região pelo meio endógeno.	AMARAL FILHO, 1996
Estabelecimento de políticas de fortalecimento e qualificação das estruturas internas visando à fundação do desenvolvimento local como algo que gera a inovação.	STEINKEL; BAUMGARTEN, 2017
Estabelecimento de relações do setor com a sociedade local.	STEINKEL; BAUMGARTEN, 2017
Uso de fornecedores de materiais e serviços locais.	AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DE JUNDIAÍ E REGIÃO, 2018
Estímulo ao sentido empreendedor nos cidadãos: existência de incubadoras de empresas, Capacitação para métodos sócio-produtivos mais favoráveis, Capacitação empresarial, gerencial e tecnológica, Desenvolver APLs locais, Acesso a crédito ou micro- crédito local.	AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DE JUNDIAÍ E REGIÃO, 2018
Planejamento do Desenvolvimento Local (ou do setor) que conte com vários atores (sociedade civil, o mercado e o poder público).	AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DE JUNDIAÍ E REGIÃO, 2018

Fonte: elaborada pela autora, com base nas referências listadas no quadro, 2018.

Buscando analisar o tema proposto, inclui-se o contexto dos métodos, indicando a metodologia escolhida no presente estudo. E logo estão apontadas as técnicas de coleta e análise de dados.

3. METODOLOGIA

Neste capítulo serão apresentados os caminhos metodológicos que foram feitos com vistas a atingir os objetivos deste estudo. Destaca-se quais ferramentas foram utilizadas para concretizá-los.

Para atingir o objetivo que guia este estudo, optou-se por uma pesquisa de natureza empírica e de caráter exploratório descritivo. Conforme Sampieri, Collado e Lucio (2006), são utilizados estudos exploratórios quando o objetivo é examinar um tema pouco estudado, e quando a revisão de literatura mostra que há temas não pesquisados e ideias levemente relacionadas com o problema de estudo. Já o caráter descritivo de pesquisa, consiste em medir, avaliar e coletar dados sobre vários aspectos. Seleciona-se uma série de questões, para desta forma descrever o que se pesquisa.

A escolha por uma pesquisa de caráter exploratório se justifica pelo fato de existirem poucos estudos acerca da relação entre a produção olivícola e o desenvolvimento endógeno, especificamente para o município de Santana do Livramento. O caráter descritivo se justifica pelo intuito de descrever as características e fenômenos que estão presentes nessa relação, buscando assim trazer a riqueza existente nas entrelinhas do desenvolvimento endógeno nesta região.

Optou-se por uma abordagem qualitativa a fim de atingir o objetivo específico A e B. Visto que, se faz necessário identificar as especificidades que transpassam o fenômeno a ser estudado (RICHARDSON, 2012). Já a abordagem quantitativa foi utilizada para atingir os outros dois objetivos específicos (C e D), dada a necessidade de realizar uma coleta de dados precisa, para que seja possível trazer respostas coerentes ao fenômeno proposto (RICHARDSON, 2012).

3.1 TÉCNICAS DE PESQUISA SELECIONADAS E INSTRUMENTO DE PESQUISA

Na abordagem qualitativa foi utilizada a técnica de pesquisa bibliográfica e documental a fim de contemplar o objetivo A. Conforme Gil (2008) a pesquisa bibliográfica é feita por meio de material já elaborado, formado principalmente de livros e artigos científicos. Já a pesquisa documental é bastante semelhante à pesquisa bibliográfica, o que as difere é a natureza das fontes, pois a pesquisa documental é elaborada por meio de materiais que não receberam um tratamento analítico, ou que podem ainda ser refeitos conforme os objetivos da pesquisa. Desse modo a pesquisa bibliográfica, foi realizada por meio da coleta de dados em

referências teóricas, artigos científicos, livros e trabalhos acadêmicos, a fim de contextualizar teoricamente a pesquisa.

Os dados qualitativos que contemplam o objetivo A e B foram coletados respectivamente por meio de fontes escritas, documentos, sites governamentais, bem como por levantamento de dados secundários e de dados primários com entrevista semi-estruturada. A entrevista semi-estruturada traz questionamentos básicos apoiados em pilares teóricos relacionados ao tema de pesquisa (TRIVIÑOS, 1987). Para as entrevistas iniciais foram definidos cinco produtores olivícolas do município de Santana do Livramento, sobre os quais se tinha conhecimento empírico prévio. Através desses cinco produtores, foram identificados os demais produtores que fizeram parte desta pesquisa. Ao todo foram identificados 17 produtores no município de Santana do Livramento, destes 12 responderam aos questionamentos, outros 5 não estavam disponíveis para participar da investigação neste momento. Durante a entrevista houve a aplicação do instrumento de coleta de dados (anexo 1).

No que tange ao instrumento, este foi organizado levando em consideração o “os tipos, a ordem, os grupos de perguntas, sua formulação, além de tudo aquilo que se sabe sobre percepção, estereótipos, mecanismos de defesa, liderança” (GERHARDT; SILVEIRA, p. 70, 2009). Foram apresentadas questões fechadas e mistas. Aquelas que se referiram às características de desenvolvimento regional endógeno foram elaboradas tendo uma escala likert de análise, de 5 pontos, acompanhadas de um espaço para que seja coletado algum detalhe da opinião do pesquisado.

O instrumento de pesquisa, após elaborado, foi analisado criticamente por dois pesquisadores que atuam respectivamente em pesquisas sobre agronegócio e sobre desenvolvimento endógeno. Isso contribuiu para a validação do instrumento de pesquisa.

3.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para alcançar os objetivos A e o D, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, que é uma técnica de investigação que, por meio de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo evidente das comunicações, tem por desígnio a interpretação destas mesmas comunicações (GIL, 2008). Como foi utilizado também uma análise de intensidade, obteve o uso da escala likert, que é simples e de caráter ordinal. Conforme Gil (2008, p. 144) a construção da escala likert segue os passos

- a) Recolhe-se grande número de enunciados que manifestam opinião ou atitude acerca do problema a ser estudado.
- b) Pedem-se a certo número de pessoas que manifestem sua concordância ou discordância em relação a cada um dos enunciados, segundo a graduação: concorda muito (1), concorda um pouco (2), indeciso (3), discorda um pouco (4), discorda muito (5).
- c) Procedem-se à avaliação dos vários itens, de modo que uma resposta que indica a atitude mais favorável recebe o valor mais alto e a menos favorável o mais baixo.
- d) Calculam-se o resultado total de cada indivíduo pela soma dos itens.
- e) Analisam-se as respostas para verificar quais os itens que discriminam mais claramente entre os que obtêm resultados elevados e os que obtêm resultados baixos na escala total.

Para os objetivos quantitativos foi utilizada uma análise estatística descritiva, que possibilita caracterizar o que é típico no grupo; indicar a variabilidade dos indivíduos no grupo, e verificar como os indivíduos se distribuem em relação a determinadas variáveis (GIL, 2008). As variáveis analisadas foram no objetivo B: o volume de produção, área plantada, valor de produção, produtividade das azeitonas. E o volume de produção, valor de produção do azeite para Santana do Livramento, Rio Grande do Sul e Brasil. Na análise buscou-se observar taxas de crescimento, ao longo do tempo e participação relativa do município na produção estadual e nacional, bem como sua evolução.

Para o objetivo C: Posição geográfica, tamanho da propriedade, idade do pomar, área plantada com pomar, estágio de produção (se já está produzindo ou não), produção anual de azeitonas, produção anual de azeite de oliva, responsável pela transformação industrial. Aqui buscou-se observar as características dos produtores pesquisados, trabalhando-se com médias e totalizações e agrupamentos de produtores com características semelhantes. Também foi feito a identificação da importância relativa dos pesquisados no volume total produzido na região.

Para a análise das entrevistas foi utilizada parcialmente a análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Importante destacar que o conteúdo foi organizado por categorias e cronologia para complementar o histórico setorial já levantado na pesquisa bibliográfica e documental.

Após feita a tabulação dos dados, seguindo os objetivos e problema propostos neste estudo, iniciou-se o tratamento das respostas obtidas, a partir da organização até a interpretação para a formação da análise de dados, referidas a seguir. Através dos 5 produtores entrevistados inicialmente, foi encontrado um total de 17 produtores. Obteve-se êxito com contato via telefone com 15 produtores. Realizou-se visita à uma propriedade (P1) previamente agendada por telefone. Um entrevistado respondeu ao questionário por telefone, e 13 que não tinham no momento da pesquisa disponibilidade de receber-me, portanto, foi enviado por email o questionário a eles. Dentre estes obteve-se retorno de 10 respondentes.

Os resultados com base nas respostas obtidas pelos entrevistados foram organizados em gráficos e tabelas, com o intuito de mostrar de uma forma clara os resultados obtidos.

Com a finalidade de melhor entendimento sobre o método utilizado com o intuito de responder os objetivos específicos, será apresentado a seguir a metodologia escolhida em cada objetivo resumidas no quadro 2 a seguir:

Quadro 2 – Quadro resumo das variáveis, técnicas e fontes utilizadas na pesquisa.

Objetivos Específicos	Variável de pesquisa	Técnica de pesquisa	Fonte de dados ou de informação	Referência bibliográfica que sustenta a escolha da técnica de pesquisa
A. Descrever o histórico de desenvolvimento do setor olivícola em Santana do Livramento.	História do setor	Pesquisa bibliográfica e documental. Entrevista semi-estruturada.	Produtores locais da região.	DEBOÇA; GAVA; SILVA, 2012 WEGNER; SANTOS, PADULA, 2010
B. Analisar a evolução da produção olivícola em Santana do Livramento em comparação com o Rio Grande do Sul e o Brasil.	AZEITONAS Volume de produção, Área plantada, Valor de produção, Produtividade. AZEITE: Volume de produção, Valor de produção. (para Santana do Livramento, Rio Grande do Sul e Brasil)	Levantamento de dados secundários.	IBGE, PAM, FEE.	NUNES, ALVES, 2010
C. Caracterizar os produtores do setor olivícola estabelecidos em Santana do Livramento.	Posição geográfica, Tamanho da propriedade, Idade do pomar, Área plantada com pomar Estágio de produção (se já está produzindo ou não) Produção anual de azeitonas Produção anual de azeite de oliva Responsável pela transformação industrial	Questionário estruturado.	Produtores locais da região.	WEGNER; SANTOS, PADULA, 2010
D. Analisar as características de emergência e evolução do setor no que diz respeito ao desenvolvimento regional endógeno.	Tenho dúvida se isto vem a ser as variáveis, Fatores de produção, bem como ciência e tecnologia, capital humano, pesquisa e desenvolvimento, conhecimento, instituição e meio ambiente, recursos provenientes da própria região, quem são os fornecedores de materiais e serviços locais.	Questionário estruturado.	Entrevista e referencial teórico.	FOCHEZATTO, 2010 AMARAL FILHO, 1996 AMARAL FILHO, 2001 STEINKEL; BAUMGARTEN, 2017 ADEJ, 2018 BARQUERO, 2001

Fonte: elaboração própria, 2018.

4. PANORAMA OLIVÍCOLA: DO MUNDO AO RIO GRANDE DO SUL

Neste capítulo será apresentado inicialmente as informações sobre a cultura da oliveira no mundo, sua origem, características da planta e do cultivo e para onde está se expandindo a sua produção, mostrando os 10 principais países produtores, exportadores e importadores de azeitonas. Após, serão apresentadas informações de sua introdução no Brasil e sua chegada no estado do Rio Grande do Sul, apresentando a produção de oliveiras no estado, dividida por municípios. Para um melhor entendimento serão utilizados mapas, figuras e gráficos para ilustrar as informações que foram identificadas.

4.1 OLIVICULTURA NO MUNDO

O cultivo da oliveira (*oleaeuropaea L.*) (Figura 1) tem expandido-se cada vez mais no mundo. É uma das plantas mais antigas cultivadas pelo homem, seus benefícios com o consumo do azeite são excelentes à saúde humana e tem eficiência na prevenção de algumas doenças já comprovadas como no caso de enfermidades cardiovasculares. Por suas qualidades existentes, foi inserida em quase todos os continentes. É cultivada tradicionalmente no sul da Europa, em países mediterrâneos, como Portugal, Espanha, França, Itália e Grécia, e tem se espalhado recentemente para outros países. (CARDOSO; DIAS, 2018).

A oliveira é uma planta da família botânica *Oleaceae*, que tem espécies separadas em diversas regiões de clima temperado e subtropical do mundo. Na maioria, essas plantas são árvores bastante vistosas, que por vezes são espécies de hábito trepador. Muitas produzem azeites em seus frutos, as quais são consumidas in natura ou após processadas. As que apresentam interesse econômico ou hortícola são: *Fraxinus* (fresno), *Jasminum* (jasmim), *Ligustrum* (ligustro) e *Olea* (oliveira) (EMBRAPA, 2013).

Conforme Gomes (1979), a oliveira acompanha o homem desde os primórdios da civilização. Ele conta que a pomba que Noé havia soltado após o dilúvio voltou com um ramo de oliveira, relata que em Roma coroavam a cabeça dos cidadãos ilustres e dos generais vitoriosos com ramos de oliveira. Já os Gregos ofereciam a Minerva Deusa da Sabedoria a oliveira, e a Bíblia refere-se a oliveira como uma planta que pode ser comparada com à beleza, sabedoria e a retidão. Ele diz que essa planta cultivada à milhares de anos em vários países, é normal que não se saiba ao certo sua origem. Sabe-se que a oliveira tem significado histórico no desenvolvimento humano e importância comercial das suas propriedades benéficas e nutricionais.

Figura 1 – Oliveira (*Olea europaea L.*)

Fonte: Google Images, 2018.

Os cultivos de oliveiras se agrupam entre as latitudes 30° e 45°, tanto no Hemisfério Norte como no Hemisfério Sul. Para a obtenção de produtos satisfatórios, precisam de locais onde o clima seja caracterizado por verão seco e quente, onde estejam presentes baixas temperaturas no período de floração, típico clima Mediterrâneo (EMBRAPA, 2013).

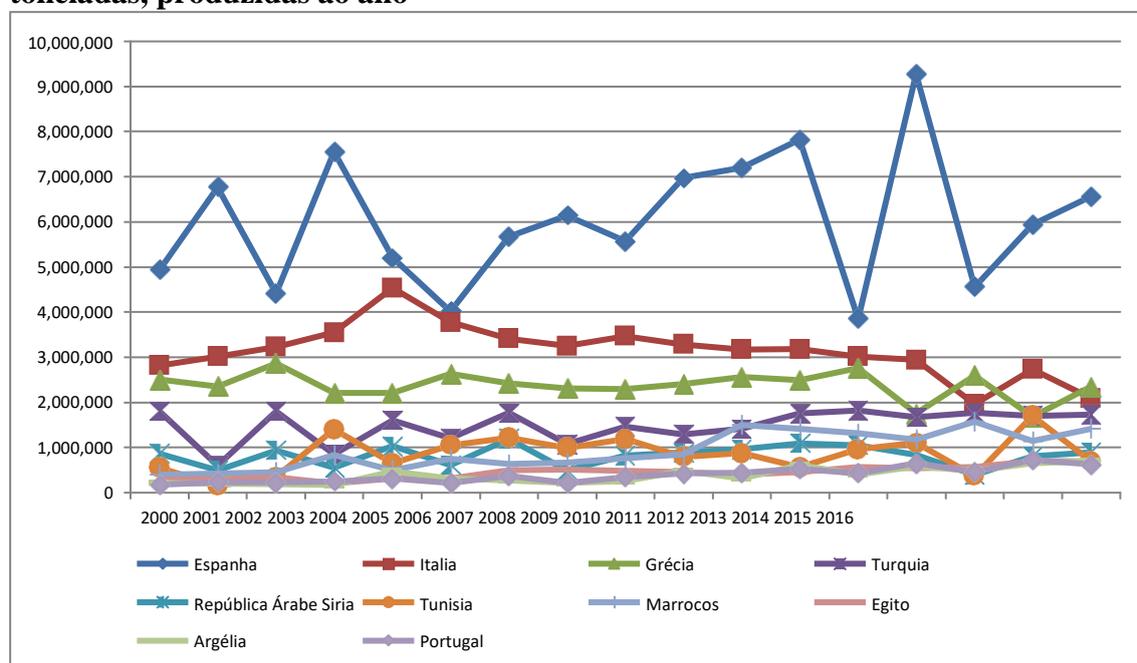
O mapa apresentado na Figura 2 mostra a distribuição da oliveira pelo mundo. Os primeiros registros da cultura estão na região que hoje compõem a Síria e Israel, entre o século 16 e 4 a.C. Os fenícios levaram a cultura para a Grécia e para o Egito entre 16 e 12 a.C. Os gregos e os fenícios levaram para outras regiões Mediterrâneas, entre elas: África, Espanha, França e Itália e chegando em Portugal pela mão dos gregos em 2000 a.C (TERAMOTO, 2010).

quarto que é a decrepitude, é prolongada por vários séculos (GOMES, 1979). É ainda no período de infância que a oliveira começa a produzir. A produção inicia-se já no terceiro ano após o plantio, chegando a carga plena a partir do sétimo ano (Globo Rural, 2018).

Neste mesmo seguimento, o rendimento do olival varia conforme a idade da oliveira, os tratos culturais, o estado sanitário, a variedade da planta, clima e solo. Havendo anos de safra e anos de contra-safra, portanto, é difícil mensurar o rendimento médio da oliveira (GOMES, 1979). A oliveira é uma planta que apresenta muita alternância na produção. Um ano produz em alta e outro em baixa. Sujeita a essa alternância é difícil prognosticar a produção anual. É comum falar-se de produção acumulada, principalmente nas regiões de cultivo recente, onde a fase de adaptação às condições climáticas e de solo podem fazer com que a variação de produção entre anos seja ainda maior (ENTREVISTADO P1, 2018).

Com base nos dados da FAO (Figura 3), foram destacados os dez maiores países produtores de azeitonas, oliveiras do mundo entre os anos de 2000 e 2016, sendo eles: Argélia, Egito, Espanha, Grécia, Itália, Marrocos, Portugal, República Árabe Síria, Tunísia e Turquia.

Figura 3 – Principais produtores mundiais de azeitonas, no período de 2000 a 2016, em toneladas, produzidas ao ano



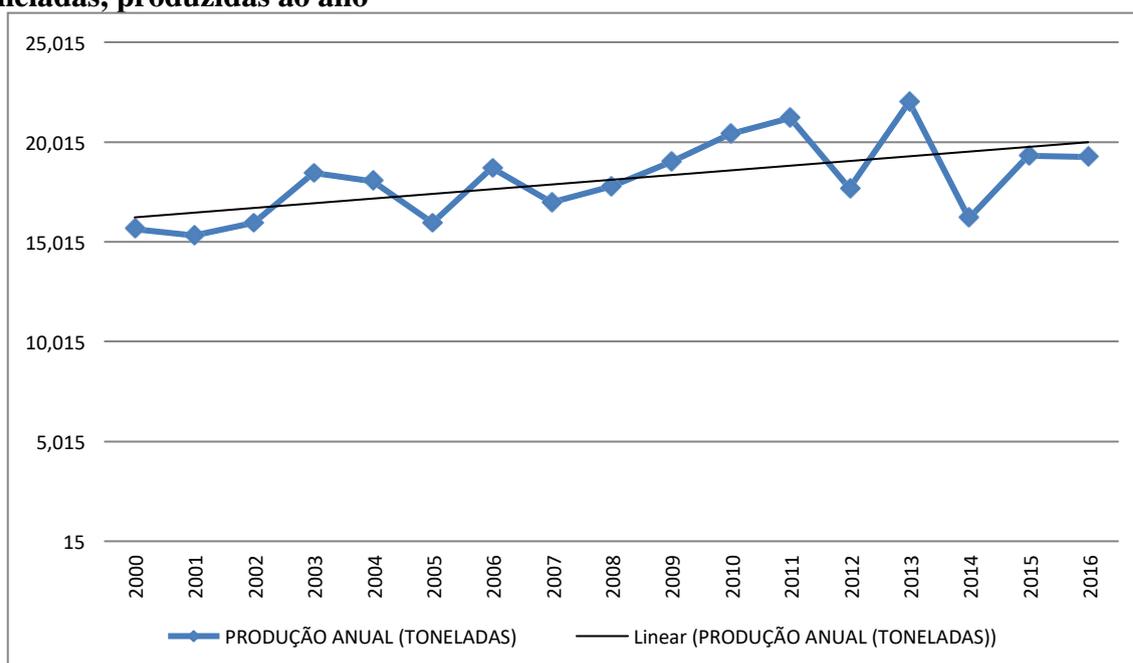
Fonte: Elaboração da autora, com base nos dados da FAO, 2018.

Na figura 3 pode-se observar que, dentre os principais países produtores, a Espanha se destaca desde o ano de 2000 até 2016. Sendo pioneira na produção de azeitonas, é também a

maior produtora, em toneladas, em todos os anos da série analisada. Obteve sua maior produção na safra de 2013 com 9.276.100 toneladas. A Itália aparece como segundo maior produtor mundial, exceto nos anos de 2014 e 2016, nos quais a Grécia ocupou esta posição. O Brasil não aparece entre os 10 maiores produtores mundiais.

É importante destacar que a produção anual de azeitonas no mundo vem apresentando uma leve tendência de crescimento (Figura 4). No período analisado, apresentou um aumento de 15.656 mil toneladas no ano 2000 para 19.270 mil toneladas no ano 2016. Essa variação representa um crescimento acumulado de 23,08% em 16 anos. As principais quedas de produção são observadas na safra de 2005 (uma redução de 11,5%) e nas safras de 2012 e 2014 (quedas de 16,7% e 26,4% respectivamente). Em ambas tem-se uma rápida recuperação da produção no ano seguinte para patamar similar ao anterior, no caso de 2013 e para um patamar semelhante ao do ano 2006, para o caso de 2015 e 2016.

Figura 4– Produção mundial de azeitonas, no período de 2000 a 2016, em milhares de toneladas, produzidas ao ano



Fonte: Elaboração da autora, com base nos dados da FAO, 2018.

Pode-se dizer que a produção mundial de azeitonas é relativamente concentrada. Ao longo da série analisada, os dez maiores produtores respondem em média por 92% de toda a azeitona produzida no mundo. Este percentual varia entre 90,8% e 95% ao longo da série, sendo a Espanha o país que apresenta a maior participação individual na produção mundial, ao longo de todo o período estudado (FAO, 2018).

São diversos os países que exportam, conforme Tabela 1, abaixo, pode-se identificar os maiores exportadores do ano 2000 a 2016. Observa-se que entre os anos 2000 e 2001 a Antiga República Iugoslávia da Macedônia liderava as exportações de azeitonas no mundo, tendo uma participação no percentual exportado no mundo, no ano 2001, de 47%. A Grécia ficou com esta posição nos anos seguintes, do ano 2002 à 2006, chegando neste último ano a ter uma participação de 54% do total exportado mundialmente. A Jordânia obteve o primeiro lugar nas exportações apenas no ano 2007, com 38% das exportações mundiais. Do ano seguinte 2009 até o ano 2013, a Grécia voltou a liderar, exceto no ano 2010 que a Espanha ficou com esta posição. Entre os anos 2014 e 2016, Portugal foi o país que ocupou o primeiro lugar, com início de um percentual de participação na produção mundial de 53% e terminando no ano 2016 com 39% da exportação mundial de azeitonas.

Tabela 1 – Principais exportadores de azeitonas no mundo, de 2000 a 2016, em toneladas exportadas

Ano	País	Total Exportado (ton)	Percentual da participação no total das exportações do mundo (%)
2000	Antiga República Iugoslava da Macedônia	15.342	48%
2001	Antiga República Iugoslava da Macedônia	15.415	47%
2002	Grécia	9.813	52%
2003	Grécia	7.263	35%
2004	Grécia	6.081	36%
2005	Grécia	6.212	32%
2006	Grécia	13.071	54%
2007	Jordânia	9.818	38%
2008	Grécia	4.902	39%
2009	Egito	31.177	55%
2010	Espanha	5.166	30%
2011	Egito	32.021	53%
2012	Egito	34.780	63%
2013	Egito	31.263	46%
2014	Portugal	22.670	53%
2015	Portugal	23.559	51%
2016	Portugal	24.629	39%

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados da FAO

Apesar de esses países oscilarem entre esses anos analisados, pode-se observar que entre a maioria dos anos a Grécia foi a principal exportadora mundial, chegando no ano 2012

em seu número maior de exportação com 34.780 toneladas com uma participação de 63% da produção mundial.

Neste mesmo sentido, a próxima seção irá apresentar a olivicultura no Brasil, mostrando quando ela chegou e em quais municípios que foram instalados a produção.

4.2 OLIVICULTURA NO BRASIL

A Oliveira foi inserida no Brasil a centenas de anos atrás. A grande parte dos olivais foram plantados próximos as igrejas, pois os galhos da planta eram utilizados para a celebração de Domingos de Ramos. Foram plantadas, no período colonial, por padres e por alguns fazendeiros, por despertar certa curiosidade. Esses pequenos olivais iniciais foram terminados por ordenamento da realeza portuguesa, pois Portugal não queria que o Brasil concorresse com seus produtos. Com isso foi retardado a olivicultura no Brasil neste período colonial (COUTINHO; RIBEIRO; CAPPELLARO, 2009).

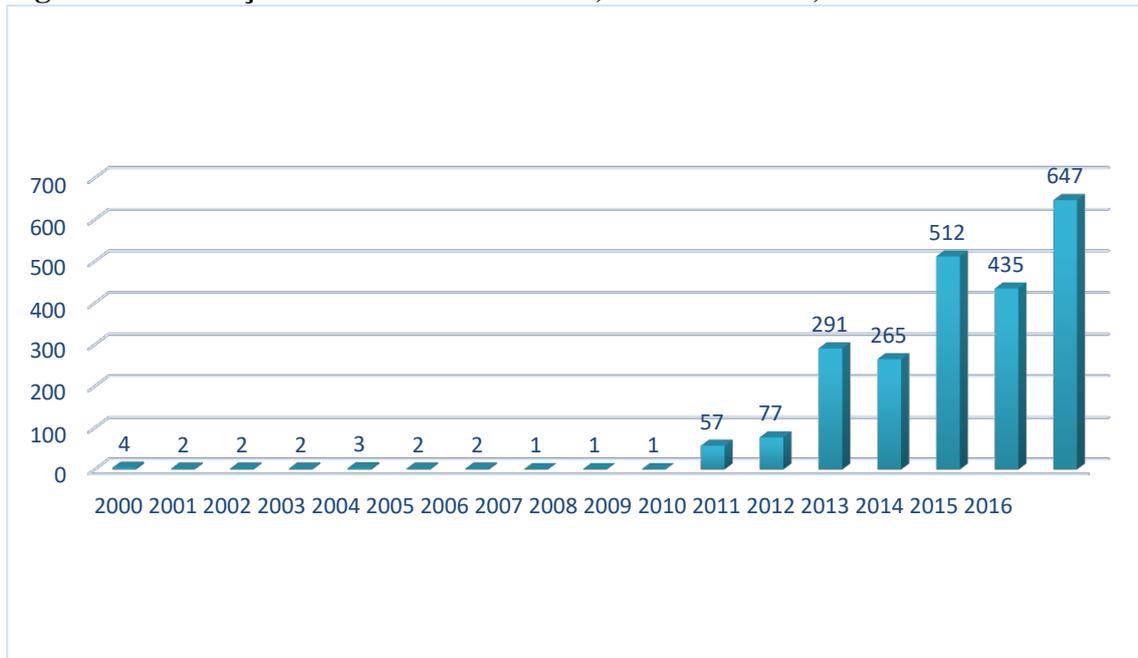
Por muito tempo o cultivo permaneceu estagnado, o Brasil conhecia somente a azeitona em conserva e o azeite em lata que era importado principalmente de Portugal. Ao passar dos anos foi surgindo alguns pioneiros no Brasil, fazendo com que essa situação mudasse. Entre as décadas de 1940 e 1950, no Rio Grande do Sul houve pioneiros como o Embaixador Batista Luzardo, que plantou em torno de 72.000 mudas de oliveira em Uruguaiana na Fazenda Dom Pedro, com suas mudas oriundas da Argentina, o olival dele foi considerado por algum tempo o maior do Brasil. Foram encontradas oliveiras em praça pública também na capital Porto Alegre, Pelotas e outras cidades do estado (GOMES, 1979).

Nestas mesmas décadas o engenheiro agrônomo Del Mazo, estudou durante muitos anos as oliveiras, onde percorreu quase todo o Brasil, em busca da planta. Ele afirma ter encontrado a planta em várias regiões do país. Na região Sul e Sudeste, precisamente nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e no Leste Meridional dos estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro era onde predominava, na época, a plantação olivícola brasileira (GOMES, 1979).

No Brasil os principais estados que produzem oliveiras são: o estado do Rio Grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo e Santa Catarina. A produção de olivais, beneficiamento de azeitonas e embalagens de azeite estão presentes nesses estados. Existe a possibilidade real para que o Brasil, a longo e médio prazo possa se tornar um grande produtor de azeitonas de mesa e de azeite, podendo competir no mercado nacional e também no internacional, é preciso que toda a cadeia produtiva esteja organizada, entre eles estão os produtores, beneficiadores, comerciantes, instituições creditícias e de extensão, entre outros (EMBRAPA, 2013).

Neste mesmo sentido, o zoneamento edafoclimático contribui de forma sistemática à organização, se torna possível identificar as regiões recomendáveis, as poucas acessíveis e as não recomendáveis, de forma a orientar o ordenamento territorial conforme com aptidão climática e edáfica mais relevantes à cultura (EMBRAPA, 2013).

Figura 5 – Produção de azeitonas no Brasil, de 2000 a 2016, em toneladas.

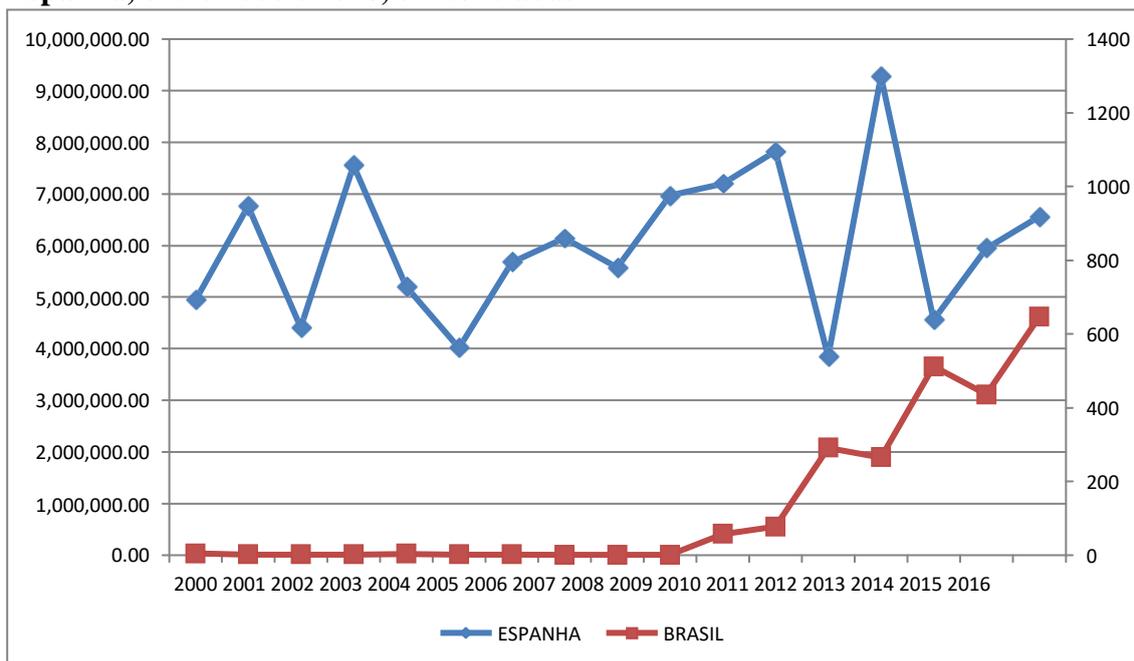


Fonte: Elaborado pela autora com base em dados da FAO, 2018.

Conforme dados da FAO (Figura 5), que o Brasil começou a ter um aumento significativo na produção em toneladas, a partir do ano 2010. No ano de 2010 chegou a produção de 57 toneladas, após seis anos, no ano de 2016 já teve um grande salto com uma produção de 647 toneladas. Isso representa um crescimento de 1.035% em 6 anos.

É importante destacar que esse salto que o Brasil está dando, na produção de azeitonas, permite aproveitar uma oportunidade que as tradicionais áreas de cultivo de oliveira nos países mediterrâneos estão proporcionando: suas áreas de cultivo estão ficando esgotadas, pela pouca capacidade de expandir os plantios já existentes. Complementarmente, países da América do Sul como Chile, Argentina, Peru e Austrália tem respondido cada vez mais pelas importações brasileiras de azeite, o que ajuda a identificar que produtores menos relevantes em volume estão participando do comércio internacional do produto (MESQUITA *et al.*, 2006).

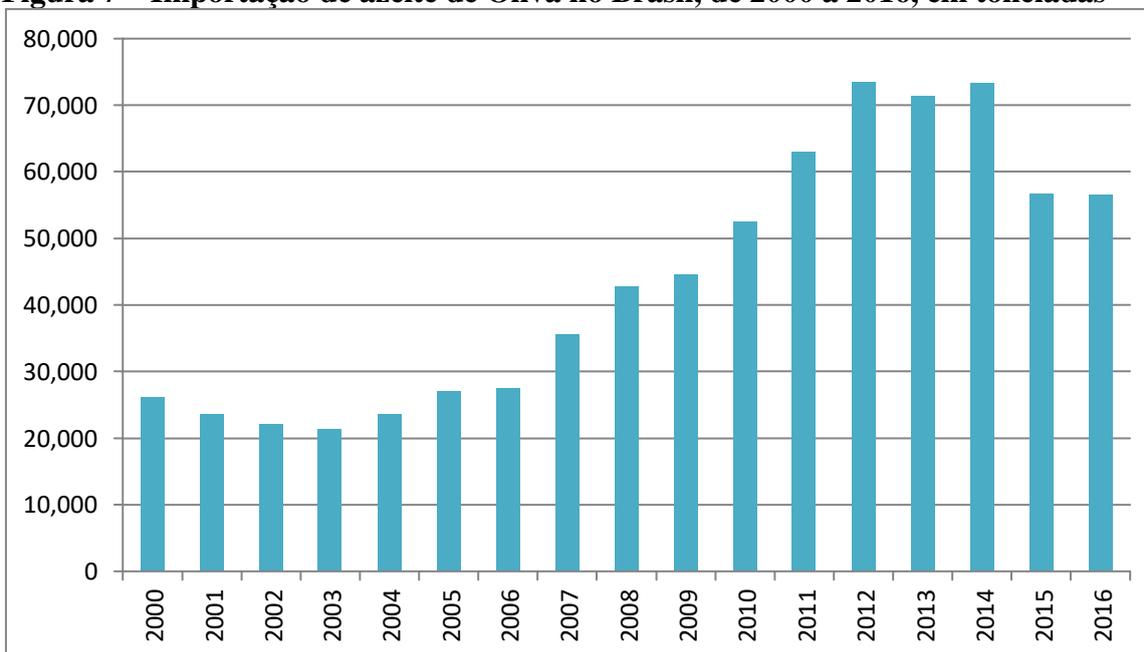
Figura 6 – Comparação da evolução da produção total de azeitonas do Brasil e da Espanha, entre 2000 e 2016, em toneladas.



Fonte: Elaborado pela autora com base em dados da FAO, 2018.

Conforme o gráfico (Figura 6) acima se observa que a Espanha que é o maior produtor entre os anos estudados de 2000 a 2016 tem apresentado uma taxa de crescimento pequena, o que pode indicar a fronteira agrícola chegou no seu limite nesse país, sendo a única alternativa para o aumento da produção um ganho de produtividade os olivais já existentes. Já o Brasil, apesar de um volume de produção total ainda irrisório (menos de 1% do total produzido pela Espanha), ano após ano vem aumentando gradativamente sua produção. Sendo que o total em toneladas produzidas pela Espanha entre os anos 2000 e 2016 são de 102.469.763,00 toneladas e o Brasil entre esses mesmos anos tem um total de 2.304,00. Os dados do IBGE (2018) mostram que a produção brasileira cresceu significativamente em 2017, chegando a 1250 toneladas.

Figura 7 – Importação de azeite de Oliva no Brasil, de 2000 a 2016, em toneladas

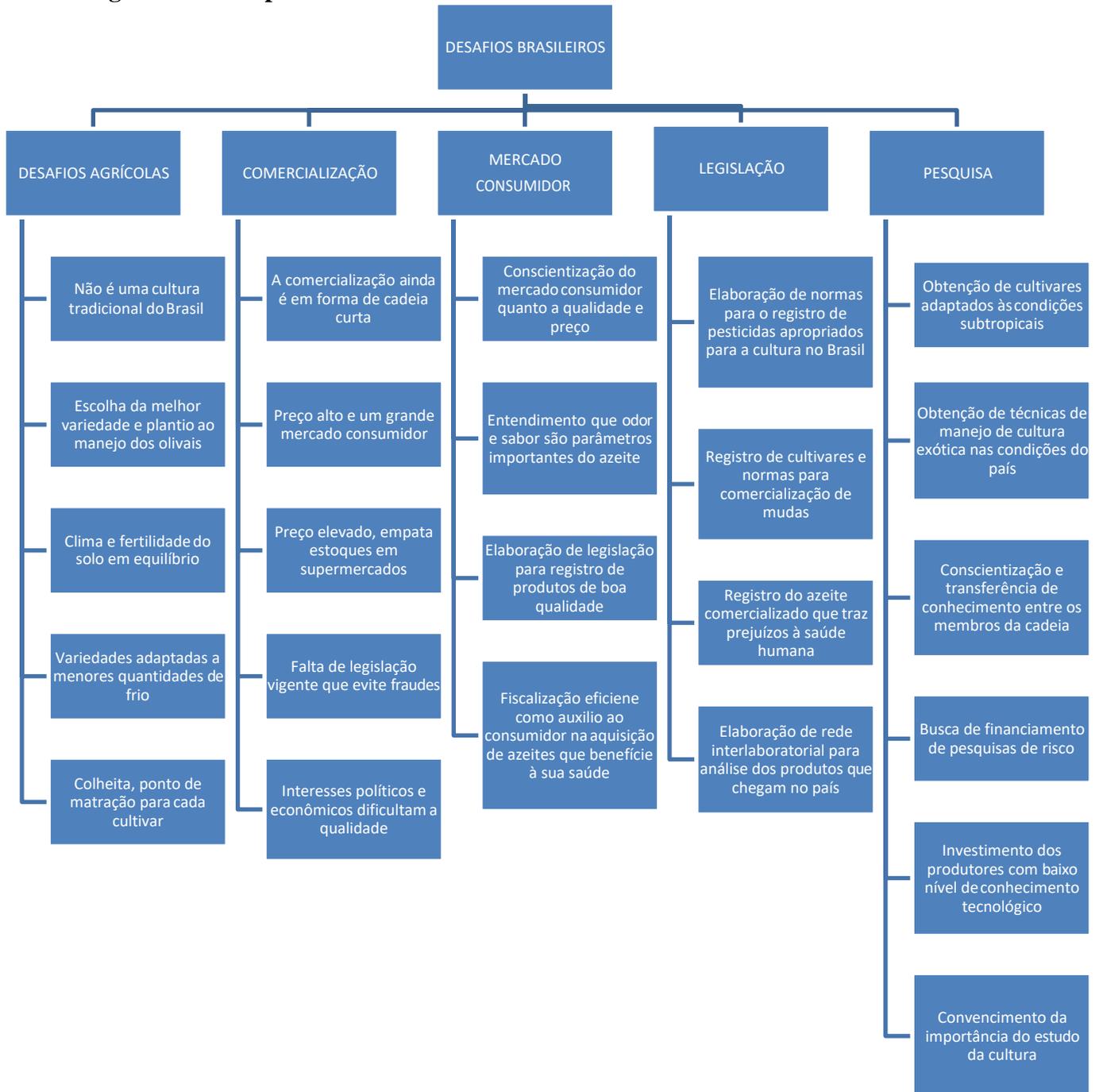


Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da FAO, 2018.

Conforme o gráfico acima (Figura 7) observa-se que o Brasil importa uma grande quantidade de azeite de oliva. Teve no ano de 2012 sua maior importação (73.493 toneladas de azeite de oliva). Pode-se também observar que a partir do ano 2015 esse número diminuiu chegando ao ano de 2016 em 56.582,00 toneladas de azeite de oliva importada, provavelmente decorrente da crise econômica que assola o país. Conforme dados da FAO (2016), o Brasil ocupa o 8º lugar sendo um dos maiores importadores mundiais com 56.582 toneladas de azeite de oliva em 2016. Isso só não mostra um mercado promissor, como serve de incentivo à produção interna.

Contanto, para a produção e consumo ainda há desafios a serem consertados na olivicultura brasileira. Dentre todos os desafios a serem enfrentados, Teramoto, Bertoncini e Praela-Pantano (2013) destacam os principais. A figura 8 resume as principais preocupações dos autores.

Figura 8– Principais desafios da Olivicultura Brasileira

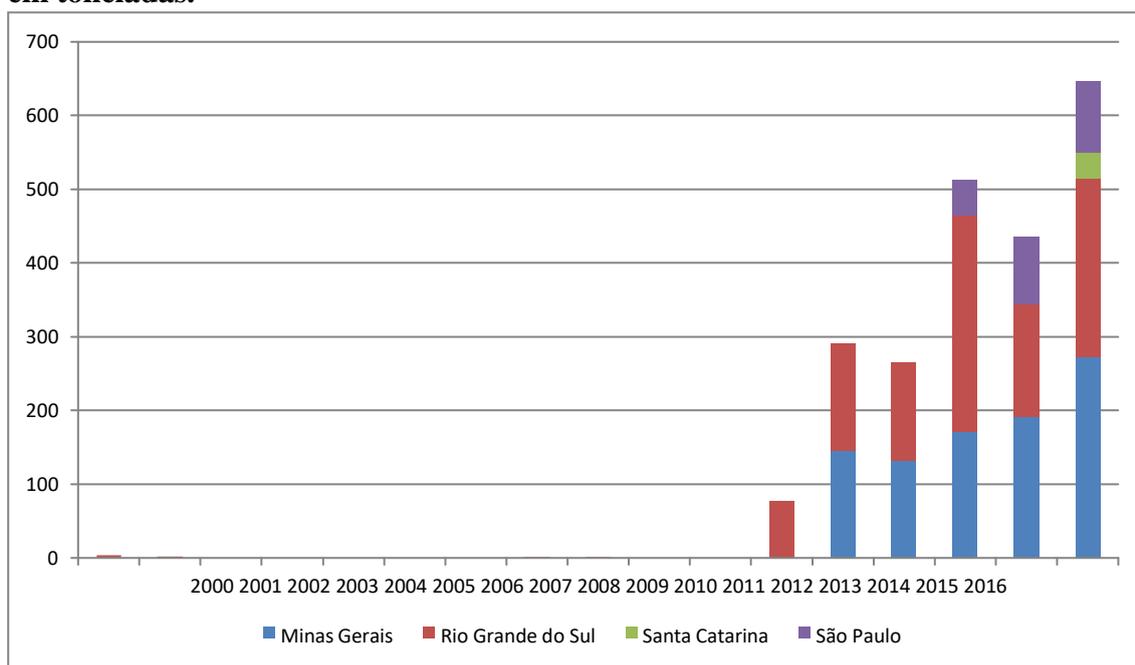


Fonte: Elaborado pela autora, com base em Teramoto, Bertoncini e Praela-Pantano, 2013, p. 29-31.

Como pode ser visto, são inúmeros os desafios que o Brasil tem que vencer para o cultivo de oliveiras, entre eles investimentos na área e corpo técnico nacional qualificado que será preciso para que a cadeia da olivicultura possa ser conduzida com ensinamentos e técnicas de países tradicionais na produção da cultura adaptados às condições nacionais (TERAMOTO, BERTONCINI E PRELA-PANTANO, 2013).

A cultura da oliveira no Brasil, principalmente nos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo é crescente. Neles já está presente a produção e beneficiamento de azeitonas, bem como o engarrafamento de azeite. Segundo dados da Emater e da Associação dos Olivicultores dos Contrafortes da Mantiqueira (Assoolive), entre esses quatro estados existem 1.200 ha de terra onde foram implantados cultivo de oliveira (EMBRAPA, 2013).

Figura 9 – Produção brasileira de azeitonas, por estado da federação, entre 2000 e 2016, em toneladas.



Fonte: Elaborado pela autora, com base em dados do IBGE, 2018.

Conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), (figura 9) o estado do Rio Grande do Sul, já produzia 4 toneladas de azeitonas no ano de 2000. Em 2016 sua produção já estava em 242 toneladas (um incremento de 5.950%) o que representou 37,40% da produção nacional naquele ano. Sua maior produção ocorreu no ano de 2014, 293 toneladas. O estado de Minas Gerais iniciou sua produção no ano 2012 com 146 toneladas. A expansão da produção neste estado é rápida e no ano 2016 alcançou um total de 273 toneladas, chegando a 42,19% da produção nacional. Minas Gerais e o Rio Grande do Sul vêm competindo, nos últimos anos, pelo status de maior produtor brasileiro de azeitonas. O estado de São Paulo iniciou a produção no ano de 2014 com 48 toneladas e no ano 2016 estava com 97 toneladas. Já o estado de Santa Catarina iniciou no ano 2016 com 35 toneladas. A próxima seção detalhará um pouco mais a produção olivícola no Rio Grande do Sul.

4.3 OLIVICULTURA NO RIO GRANDE DO SUL

Auguste de Saint-Hilaire em sua passagem pelo Rio Grande do Sul em 1820, observa que já existiam oliveiras plantadas em praças públicas com frutificação. Em suas palavras,

[...] as oliveiras dão muito bem nos arredores de Porto Alegre e, ali, pude comer deliciosas azeitonas; contudo, não passam de objeto de curiosidade; mas quando a população aumentar e o número de propriedades tornar-se maior, a cultura da oliveira poderá vir a ser para esta região uma nova fonte de renda. A falta de braços impede atualmente que os brasileiros aproveitem todos os recursos que o país oferece, mas será bom que os conheçam, para que possam aproveitá-los no momento oportuno (SAINT-HILAIRE, 2002 p.77)

Já em 1948, foi criado no Rio Grande do Sul, por meio da Secretaria de Agricultura o Setor Oleícola, com propósitos de orientar os trabalhos de pesquisa e fomento no setor. Também com o intuito de realizar experimentos com as variedades de oliveiras, estudando quais seriam mais adequadas para cada região, mostrando quais as zonas olivicultoras no estado. Esta iniciativa perdurou até o início dos anos 1980 (COUTINHO; RIBEIRO; CAPPELLARO, 2009)

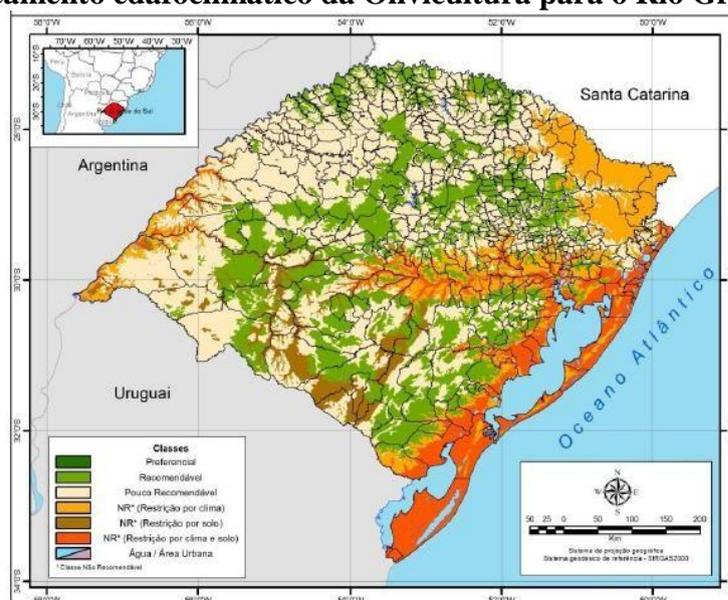
No ano de 2013 a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) lançou o Zoneamento Edafoclimático da Olivicultura para o Rio Grande do Sul, que é um guia que permite avaliar as melhores zonas de produção para a olivicultura na região. Esta avaliação se dá em termos de solo e clima, com o intuito de gerar conhecimento para a tomada de decisões de investimentos neste ramo. Conforme este guia, o Rio Grande do Sul tem 6,8 milhões de hectares com aptidão edafoclimática "recomendável" (FILIPPINI ALBA *et al.*, 2013). Com base nesta afirmativa, entende-se que o estado tem condições mínimas naturais para a produção olivícola. Isso é coerente com o fato de países próximos, em que o mercado já está consolidado, como no caso da Argentina, Uruguai e Chile, terem a produção estabelecida há anos, dada a condição edafoclimática existente (TERAMOTO, BERTONCINI e PRELA-PANTANO, 2010).

No ano de 2010 o estado do Rio Grande do Sul tinha uma área plantada de 400 ha, tendo como principais municípios: Alegrete, Bagé, Cacequi, Cachoeira do Sul, Caçapava do Sul, Candelária, Candiota, Dom Pedrito, Jaguarão, Rio Grande, Rosário do Sul, Santana do Livramento, São Francisco de Paula, São Gabriel, Santana do Livramento, Uruguai e Viamão (TERAMOTO, BERTONCINI e PRELA-PANTANO, 2010).

Conforme Coutinho *et al.*, (2009, p. 24) [...]“as melhores regiões no estado para o plantio situam-se no Oeste e na Metade Sul (longe das regiões serranas e do litoral), onde a umidade relativa do ar é menor, principalmente na fase de florescimento” [...]. No artigo

Zoneamento Edafoclimático da olivicultura para o Rio Grande do Sul, Filippini-Alba *et al.*(2013) confirmam o que Coutinho fala, apresentando graficamente as regiões que melhor se adaptam ao cultivo de oliveiras, como forma de orientar os produtores. Isso pode ser observado na figura 10.

Figura 10 – Zoneamento edafoclimático da Olivicultura para o Rio Grande do Sul



Fonte: Filippini-Alba *et alli*, 2013.

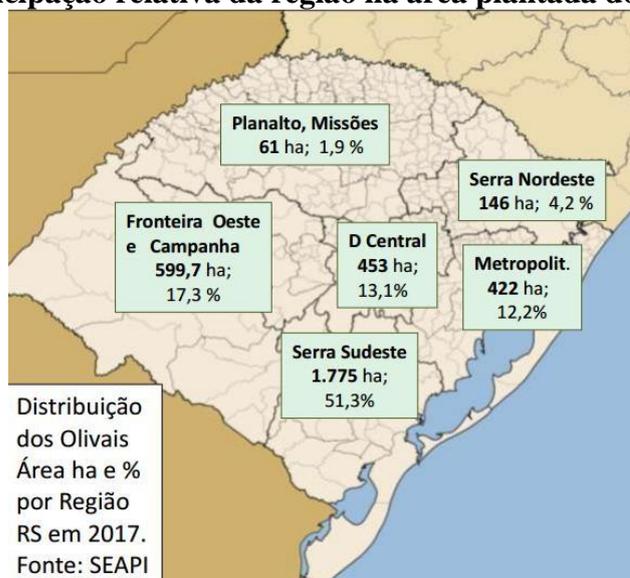
Com base no estudo do Zoneamento Edafoclimático os produtores e futuros investidores rurais identificam a melhor área para obter o cultivo da planta, já que os fatores principais para que haja o sucesso ou o fracasso deste cultivo refere-se ao clima, temperatura, solo e pluviosidade, e a floração da oliveira é afetada fortemente por essas variáveis (FILIPPINI ALBA *et al.*, 2013). Por conseguinte, com as experiências no plantio nos países do Mediterrâneo, é observado que as temperaturas ideais para que tenha a frutificação efetiva normal, não é adequado que as temperaturas sejam superiores a 35 °C ou inferiores a 25 °C. As plantas são capazes de suportar temperaturas elevadas no verão, próximas de 40°C sem que ocorram queimaduras. Em comparação com outras espécies frutíferas a oliveira tem uma certa sensibilidade ao frio, mas acontece um aumento gradativo de tolerância provocada pelas baixas temperaturas outonais, que são elas que estimulam a planta a entrarem na fase de dormência, com isso a oliveira resiste a temperaturas inferiores a 0 °C (EMBRAPA, 2013).

Dito isso, as temperaturas no Rio Grande do Sul não costumam ultrapassar os 35°C, com exceção dos anos atípicos, não passando dos 40 °C. Na metade Sul do Estado é encontrado o clima perfeito para a maturação dos frutos, onde a temperatura é entre 25 °C e

35 °C, portanto, está dentro da linha de temperatura considerada perfeita para a maturação das azeitonas. São poucas as vezes que a temperatura chega abaixo de 0°C no inverno, sendo este o intervalo de variação que predomina de 3°C a 15°C. E durante o inverno a temperatura pode subir acima de 25°C, pelo fato da variabilidade climática (EMBRAPA, 2013). Considera-se assim um estado adequado, em todos os sentidos, para que haja produção da planta.

Com base nas informações da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Irrigação – SEAPI, no ano de 2016 no Rio Grande do Sul tinha aproximadamente 160 produtores (SEAPI, 2016). O Cadastro Olivícola foi realizado no ano de 2017 constando que há 145 produtores cadastrados, entre 56 municípios, com um total de 3.464,6 há plantados com oliveiras no Rio Grande do Sul (Figura 11).

Figura 11– Distribuição dos Olivais no Rio Grande do Sul, por região, considerando-se área plantada e participação relativa da região na área plantada do estado



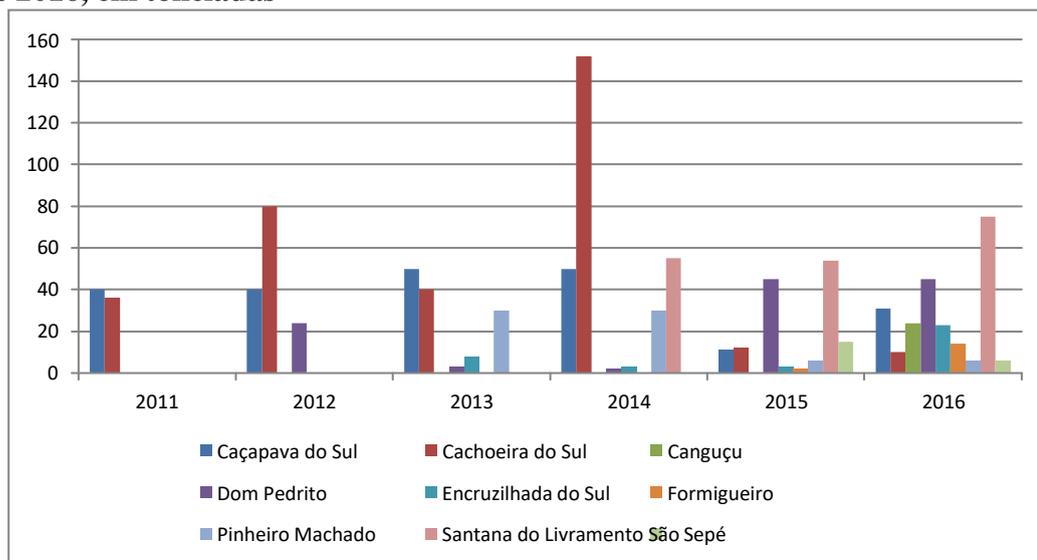
Fonte: Cadastro Olivícola 2017.

Esse Cadastro Olivícola, por meio do Decreto 52.479, de 29 de julho de 2015, Portaria 59/2017 dispõe sobre o Programa Estadual de desenvolvimento da Olivicultura – PRO-OLIVA, tendo como objetivos: incentivar e promover a produção de olivas, azeites e azeitonas em conserva produção, entre outros. Prevê a manutenção de um cadastro olivícola, com o intuito de assegurar e promover a qualidade dos azeites e conservas de azeitonas produzidas no Rio Grande do Sul, o SEAPI é responsável pela manutenção deste cadastro (SEAPI, 2017).

É interessante observar no mapa acima que além da região da campanha, há outras regiões que apresentam áreas plantadas com Olivais, mas ainda não devem ter produção, pois

não aparecem como produtores de azeitonas dentro dos anos estudados. Dentre os anos de 2000 à 2016, conforme dados do IBGE, vários municípios do Rio Grande do Sul tiveram produção de azeitonas. Na figura 12, abaixo, são apresentados os que se destacaram na produção.

Figura 12 – Produção de azeitonas no Rio Grande do Sul, por município produtor, entre 2011 e 2016, em toneladas



Fonte: Elaborado pela autora com base em IBGE, 2018.

A produção no ano 2000 só existia no município de Rio Grande com 3 toneladas, e nos anos de 2007 e 2008 com 1 tonelada em cada ano, desde então não houve mais produção até o ano de 2016. No ano de 2001 houve produção de 1 tonelada no município de Rolante. E a partir do ano 2011 começou a produção mais forte nos outros municípios como mostra o gráfico abaixo, onde o município de Cachoeira do Sul se destaca na produção, tendo no ano 2014 a produção de 152 toneladas, sendo seu maior número desde 2011. O município de Santana do Livramento inicia sua produção no ano 2014, desde então vem liderando na produção em toneladas de azeitonas até o ano 2016. Os 9 principais municípios produtores representam 87% da produção do estado (CENSO AGRO, 2017). Destaque-se por fim que o Estado do Rio Grande do Sul produziu, em 2017, 1250 toneladas de azeitonas, um volume 93% maior do que no ano imediatamente anterior (este dado ainda não está disponível por município, o que será possível observar assim que o censo agropecuário estiver disponível em sua forma mais detalhada).

O próximo capítulo foi organizado como forma de aprofundar o conhecimento sobre o desenvolvimento da Olivicultura em Santana do Livramento, que é foco deste trabalho.

5. O DESENVOLVIMENTO DA OLIVICULTURA EM SANTANA DO LIVRAMENTO

Neste capítulo será apresentado o município de Santana do Livramento, mostrando uma breve revisão história do município, mostrando também sua localização e clima. Além disso, serão apresentadas informações sobre a inserção da Olivicultura no município e o panorama atual da produção, além da percepção dos produtores quanto as características endógenas de emergência do setor.

5.1 O MUNICÍPIO DE SANTANA DO LIVRAMENTO

Santana do Livramento está localizada em uma latitude $30^{\circ}53'27''$ sul e a uma longitude $55^{\circ}31'58''$ oeste, e em uma altitude média de 208 metros (Figura 13). Localiza-se sobre o paralelo 31, com terras e clima propícios para a produção de frutas (COSTA, 2011). Dados recentes do IBGE (2018) indicam que o município conta com uma área territorial total de 6.941,613 km² e tinha, no ano de 2010, uma população de 82.464 mil habitantes. Isso corresponde a aproximadamente 12 habitantes por km².

Figura 13 – Mapa com a localização de Santana do Livramento



Fonte: IBGE EstatGeo, 2018.

Conforme a classificação proposta por Köppen (apud. COSTA, 2011), o clima é do tipo Cfa que é considerado um tipo climático característico das regiões de menor altitude, mostrando condições subtropicais, sendo os verões quentes de temperaturas médias superiores

a 22°C e invernos com temperatura superior a -3°C e distribuição uniforme de precipitação ao longo do ano.

O município possui uma história cultural marcante. Foi inicialmente ocupado pelos índios minuanos e charruas. Por volta do ano 1810, forças portuguesas e espanholas duelaram pela posse do território que ficou ao fim sob o domínio das forças portuguesas. No decorrer de 1800, o Governo Imperial temeroso com a consolidação e a posse do território brasileiro distribuiu a região fronteira do RS em sesmarias, visando a sua ocupação e expansão de produção nas mesmas. Quem as recebeu foram os velhos soldados do Exército Pacificador e outros súditos da coroa Portuguesa (CHELOTTI, 2007). Assim, os primeiros núcleos de colonização no território foram constituídos por oficiais que guarneciam as fronteiras. No ano de 1834, foi doada uma imagem de Nossa Senhora de Santa Ana para a igreja, pela Sra. Ana Ilha de Vargas, fazendeira abastada, com o pedido que esse fosse o nome dado ao município. No ano de 1848 foi criado o distrito com a denominação Sant'Ana do Livramento pela Lei provincial nº 156, no município de Alegrete (IBGE, 2017).

O município de Santana do Livramento faz divisa com o departamento do Uruguai chamado Rivera. Foram criados com a finalidade de demarcação de território e proteção de fronteira entre Portugal e Espanha (ENGELMANN, 2009). A fronteira seca estabelecida entre elas ficou conhecida como fronteira da paz, caracterizando as cidades como irmãs, deste modo, Sanchez (2002), este limite imaginário que há entre elas, ao invés de separá-las, ao contrário, as une.

Santana do Livramento, conforme o Zoneamento Edafoclimático da Olivicultura para o Rio Grande do Sul possui o clima apropriado para a produção. Por suas características climáticas, o Rio Grande do Sul tem um potencial olivícola, em tamanho de área, maior do que outros estados, como Minas Gerais e São Paulo (JORNAL DO COMÉRCIO, 2016).

5.2 A INSERÇÃO DA OLIVICULTURA EM SANTANA DO LIVRAMENTO

A olivicultura foi inserida no município de Santana do Livramento pelo agrônomo peruano Sr. Fernando Rotondo, no ano 2009. As mudas, oriundas do Chile, foram trazidas de um viveiro localizado em São Paulo. Para ter certeza que o município era apropriado para o cultivo da planta o produtor estudou o clima, solo, avaliação dos recursos e fatores críticos para o empreendimento. Apesar do tempo que tem com o cultivo, está ainda estudando quais as variedades que melhor se adaptam no município, tendo mudas originárias do Chile, Grécia, Espanha e Argentina. A primeira colheita do Sr. Rotondo foi no ano 2014 (ENTREVISTADO 1, 2018).

Com base na visão deste produtor que era o de empreender especificamente na olivicultura em Santana do Livramento, outros produtores da região e assalariados viram uma oportunidade de expansão de sua renda como cultivo da planta também. Já no ano de 2010 tem-se registro do início de outros plantios, por outros produtores no município.

O olival do Sr. Rotondo chamado de Olivopampa, já está na 4ª colheita. A propriedade dispõe de uma máquina que faz o processo de esmagamento das azeitonas logo após a colheita, produzindo assim um azeite fresco para o consumo. Sua marca já está inserida no mercado e leva o nome de Ouro de Sant'Ana, conforme figura 14:

Figura 14 – Azeites produzidos no município de Santana do Livramento



Fonte: Olivopampa, 2018

Em dados quantitativos, a tabela 2 apresenta os resultados de produção de Santana do Livramento, em comparação com a produção total do Rio Grande do Sul e do Brasil para o período que vai de 2014 a 2017 (período que conta com dados disponíveis na base de dados SIDRA do IBGE).

Tabela 2 – Produção total de azeitonas em Santana do Livramento, em comparação com a produção total do Rio Grande do Sul e do Brasil, para o período de 2014 a 2017.

Ano	Produção Total (toneladas)			Produção Relativa (%)		Taxa de Crescimento Anual da Produção de Santana do Livramento (%)
	Santana do Livramento	Rio Grande do Sul (RS)	Brasil	Em Relação ao RS	Em relação ao Brasil	
2014	55	293	512	18,77%	10,74%	-
2015	54	153	435	35,29%	12,41%	-1,82%
2016	75	242	647	30,99%	11,59%	38,89%
2017	120	794	1250	15,11%	9,60%	60,00%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do IBGE, 2018.

Observa-se na tabela 2 que o registro da produção de azeitonas no município de Santana do Livramento que teve início no ano 2014 e apresenta tendência de crescimento. A produção do ano de 2017 foi 60% maior do que a de 2016, que já havia sido 39% maior do que a do ano imediatamente anterior. Em relação com a produção total do estado do Rio Grande do Sul, no ano 2015 a produção do município equivaleu a 35,29% da produção do estado, um percentual considerado alto em comparação com a quantidade de municípios que produzem no estado todo. E em relação ao Brasil no ano 2014 que foi o ano que iniciou a produção no município de Santana do Livramento, já atingiu em torno de 10% da produção brasileira, um percentual muito bom por estar em seu primeiro ano de produção. Chegando ao ano 2015 em sua melhor participação na produção brasileira com 12,41%.

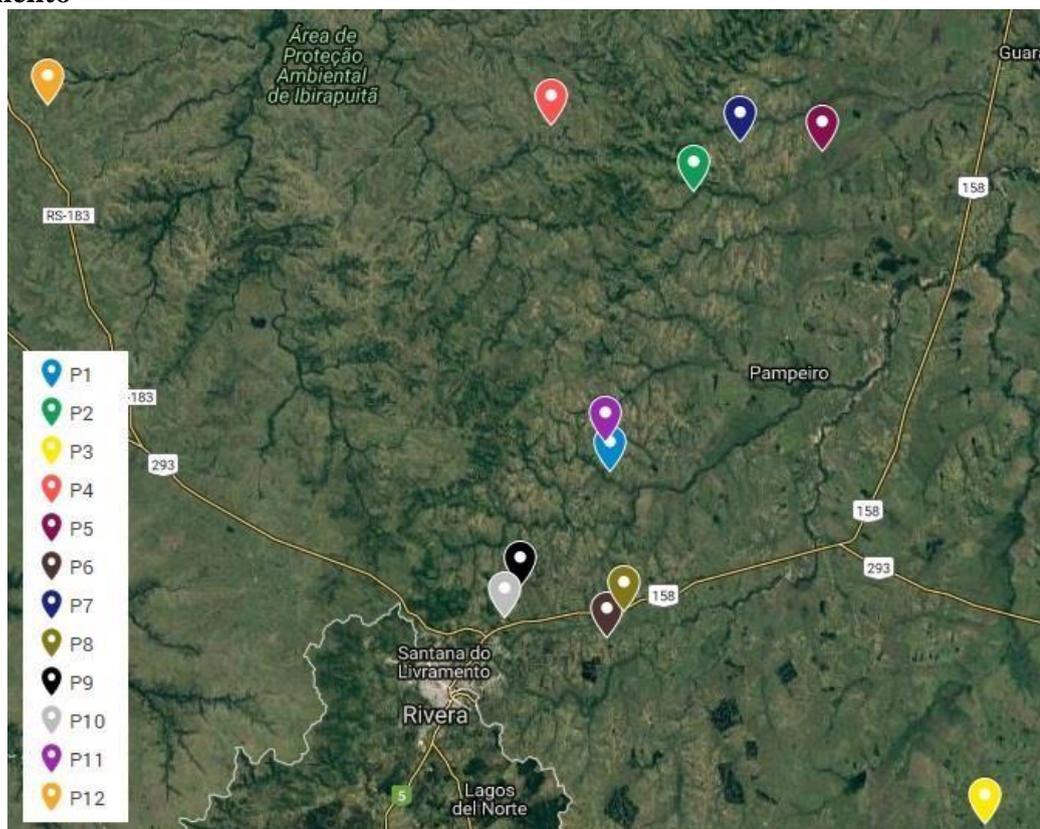
Sobre a área plantada no município, os dados do IBGE indicam, para o período de 2014 a 2017, que existem apenas 30 hectares. Este dado não representa a realidade, uma vez que os dados coletados em pesquisa primária mostram que, só para os proprietários pesquisados, esta área já equivale a 197,5 hectares no ano de 2018.

5.3 CARACTERÍSTICAS DOS PRODUTORES E PROPRIEDADES OLIVÍCOLAS PRESENTES NO MUNICÍPIO

Os resultados apresentados nesta seção e nas seções seguintes são fruto da pesquisa primária realizada com estes produtores, conforme previsto na metodologia de desenvolvimento da pesquisa.

O mapa apresentado na figura 15 apresenta a localização das propriedades olivícolas de Santana do Livramento que foram pesquisadas e entrevistadas no ano de 2018. Observa-se que há olivais próximos uns dos outros e alguns mais dispersos.

Figura 15 – Mapa com a localização das propriedades Olivícolas de Santana do Livramento



Fonte: Google Maps (2018). Elaborado pela autora.

As informações obtidas sobre as características das propriedades foram organizadas na tabela 3. As propriedades foram caracterizadas de acordo com seu tamanho em hectares, a idade média do seu pomar, a área plantada e número de oliveiras plantadas que a propriedade possui.

De acordo com os dados pode-se dizer que o tamanho médio das propriedades olivícolas é de 391 hectares. A maior propriedade produtora tem 2800 hectares e a menor tem 9 hectares. Se considerada a classificação¹ usada pelo INCRA para o tamanho das propriedades rurais a produção olivícola das propriedades pesquisadas está distribuída entre 5 minifúndios, 3 pequenas propriedades, 2 médias propriedades e 2 grandes propriedades rurais.

¹ O INCRA classifica como Minifúndio as propriedades que tenham até 1 módulo fiscal de tamanho; como Pequena Propriedade as que tenham entre 1 a 4 módulos fiscais de tamanho; Média Propriedade as que tenham entre 4 e 15 módulos fiscais de área; Grande Propriedade as que tenham mais que 15 módulos fiscais de área. O módulo fiscal, em Santana do Livramento, tem 28 hectares (INCRA, 2018).

Tabela 3 – Característica das propriedades Olivícolas pesquisadas em Santana do Livramento, em 2018

Propriedade	Tamanho da Propriedade (hectares)	Idade Média do Pomar (Anos)	Área Plantada com Pomar (Hectares)	Número de Oliveiras Plantadas (Unid.)
P1	74	8	25	10.000
P2	12	0,5	4	1.140
P3	2.800	4	120	18.000
P4	200	1	5	3.000
P5	20	0,58	3	1.050
P6	23,2	4	2	500
P7	72	8	4	888
P8	1.000	3	3,5	970
P9	70	5	5	1.800
P10	9	1	7	1.850
P11	14	3,5	9	1.071
P12	400	2,5	10	3.200
TOTAL	4.694,2	-	197,5	43.469
MÉDIA	391,18	3,42	16,46	3.622,42
DESVIO PADRÃO	810,20	2,60	33,18	5.204,62

Fonte: Elaborado pela autora, com base no levantamento primário de dados, 2018

A idade média do pomar é de 3 anos e meio, tendo os pomares mais antigos 8 anos e os mais novos menos de 1 ano de existência. A área total plantada com pomares entre os produtores pesquisados chega a total de 197,5 hectares. Este número mostra um desvio padrão com uma variação maior, sendo que a maior área plantada é de um produtor com 120 hectares e a menor área plantada é de um produtor com 2 hectares plantados. Neste mesmo sentido, o número de oliveiras plantadas entre o total de produtores entrevistados é de 43.469 unidades, tendo também um desvio padrão elevado de 5.204,62, com uma variação grande de cada propriedade. O maior produtor conta com 18 mil pés, enquanto o menor produtor tem um pomar de 500 plantas.

Com base nestes dados é observado que existem produtores que já estão há alguns anos produzindo, havendo dois que já estão com plantações há 8 anos e alguns que iniciaram recentemente com apenas 6 meses de plantação. Porém, totalizando um número expressivo de pomares e em número de hectares no município.

5.3.1 Estágio de Evolução da produção do pomar

Entre os pesquisados apenas dois pomares já estão produzindo. O P3 já teve 1 colheita com uma produção pequena, conforme ele destacou, tendo em torno de 1.000 árvores produtivas, ainda não há um número da produção anual de azeitonas e nem do azeite, pois, conforme ele: “não temos histórico ainda, a primeira produção real será em 2019” (ENTREVISTADO P3, 2018).

Já o produtor P1 está produzindo e está em sua 4ª colheita, tendo 90% de suas árvores produtivas. Conforme o entrevistado, no ano de 2017 teve uma produção de 70 toneladas de azeitonas, neste mesmo ano obteve uma produção de 7 mil litros de azeite de oliva. Já no ano de 2018 teve uma produção de 25 toneladas de azeitonas e 2 mil litros de azeite de oliva. Essa variação da produção é típica das oliveiras, conforme já mencionado (ENTREVISTADO P1, 2018).

5.3.2 Trajetória da organização da atividade

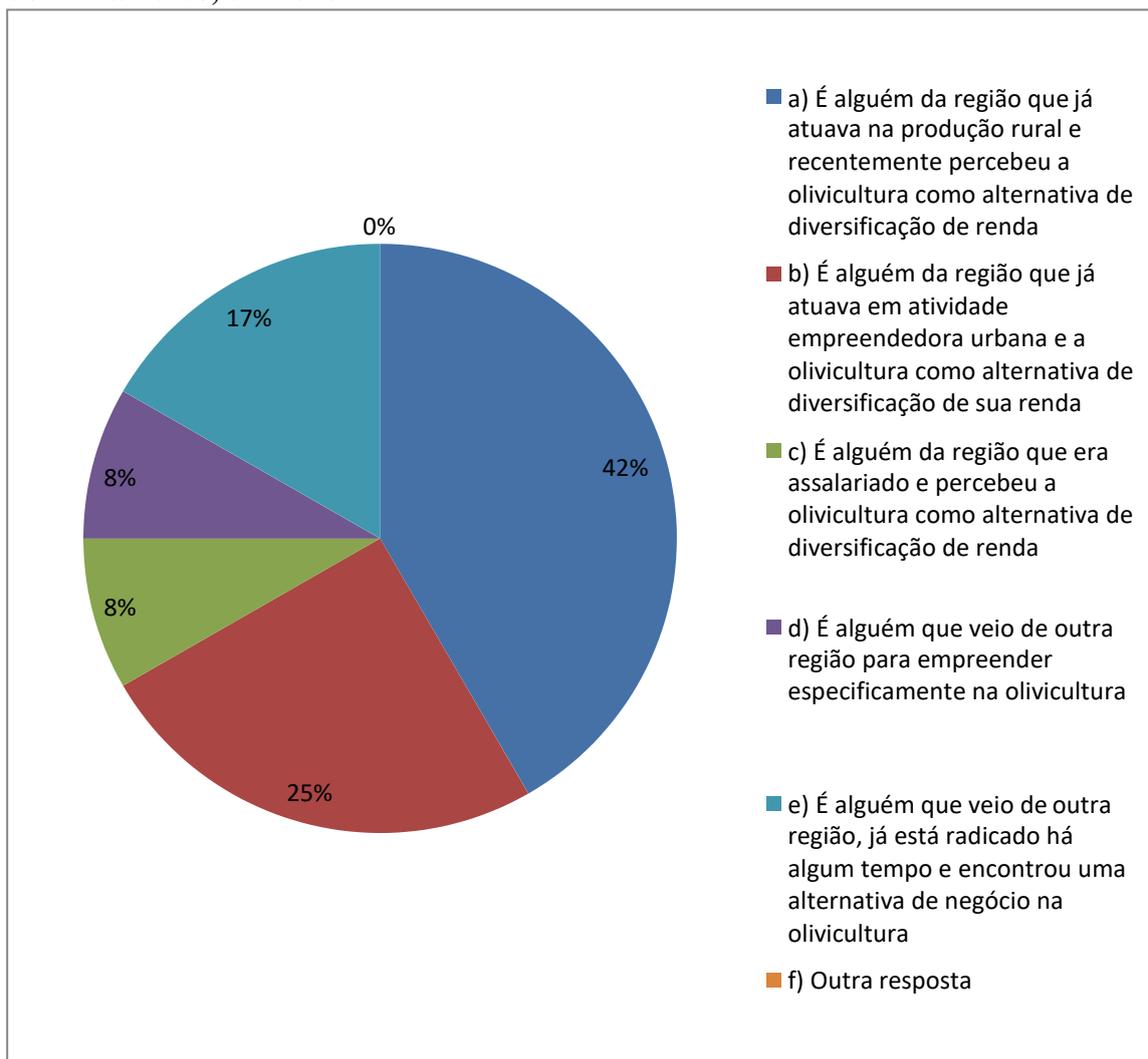
Apenas um produtor está produzindo em escala comercial, sendo ele o P1. O azeite é produzido na sua propriedade, no município de Santana do Livramento. No ano 2015 este produtor investiu em seu espaço próprio para produzir os azeites de imediato, assim que a azeitona for colhida, com isso o processamento é feito horas depois. Isso dá diferenciação para seu produto, o qual apresenta características e sabor marcante, ocasionado uma ótima produção com qualidade para o consumidor.

5.3.3 Perfil do empreendedor

Conforme o levantamento primário (Figura 15) pode-se dizer que 42% dos produtores entrevistados são pessoas da região que já atuavam na produção rural e recentemente encontraram a olivicultura como alternativa de diversificação de renda, isso equivale a 5 produtores. Já 25% dos entrevistados (3 produtores) são pessoas da região também, que já atuavam em atividades empreendedoras urbana e obtiveram a olivicultura como alternativa de diversificação de suas rendas.

Além destes, 17% dos entrevistados (2 produtores), são pessoas que vieram de outras regiões e estão radicados já há algum tempo em Santana do Livramento e encontraram uma alternativa de negócio na olivicultura. Ainda destaca-se que 1 produtor (8% dos pesquisados) é alguém da região que era assalariado e percebeu a olivicultura como uma alternativa de diversificação de renda. E por fim, apenas 1 produtor veio de outra região especificamente para empreender na olivicultura, que equivale a 8% dos entrevistados.

Figura 16 – Perfil do empreendedor olivícola das propriedades pesquisadas em Santana do Livramento, em 2018



Fonte: Elaborado pela autora, com base no levantamento primário de dados, 2018

Complementarmente foi perguntado aos produtores que vieram de outra região, qual o motivo de escolher Santana do Livramento. Dentre os três entrevistados que vieram de outra região, dois responderam os motivos, a seguir: “Porque a Campanha Gaúcha é o melhor lugar para produzir vinho tinto fino, e no lugar de vinho tinto sempre tem possibilidade de azeite” (ENTREVISTADO P7,2018). “Primeiramente pelo clima, e em segundo lugar pela mão de obra qualificada que já existe da uva” (ENTREVISTADO P1, 2018). Pode-se dizer que para estes, a vontade de empreender dentro do agronegócio, voltado a produtos que tenham diferencial ligado a solo e clima da região (uva e azeitonas) foi o elemento motivador da busca da região para o empreendimento.

Na próxima seção serão abordadas as questões voltadas ao entendimento da característica de emergência da atividade produtiva e de sua relação com características do desenvolvimento endógeno.

5.4 O DESENVOLVIMENTO DO SETOR SOB A ÓPTICA DO DESENVOLVIMENTO ENDÓGENO

De acordo com Barquero (2001), quando se trata de desenvolver uma localidade, é preciso analisar os fatores endógenos ao território, sem abrir mão dos fatores externos. De maneira que se possa aproveitar a cultura produtiva e tecnológica e o conhecimento processual do local, o correto é adotar uma estratégia gradativa de realização dos ajustes tecnológicos, organizacionais e institucionais indispensáveis. A realização do desenvolvimento de um local está em incentivar todos os projetos que utilize o potencial de desenvolvimento e realizem o ajuste gradativo do sistema econômico local, independentemente da ordem de grandeza dos investimentos envolvidos.

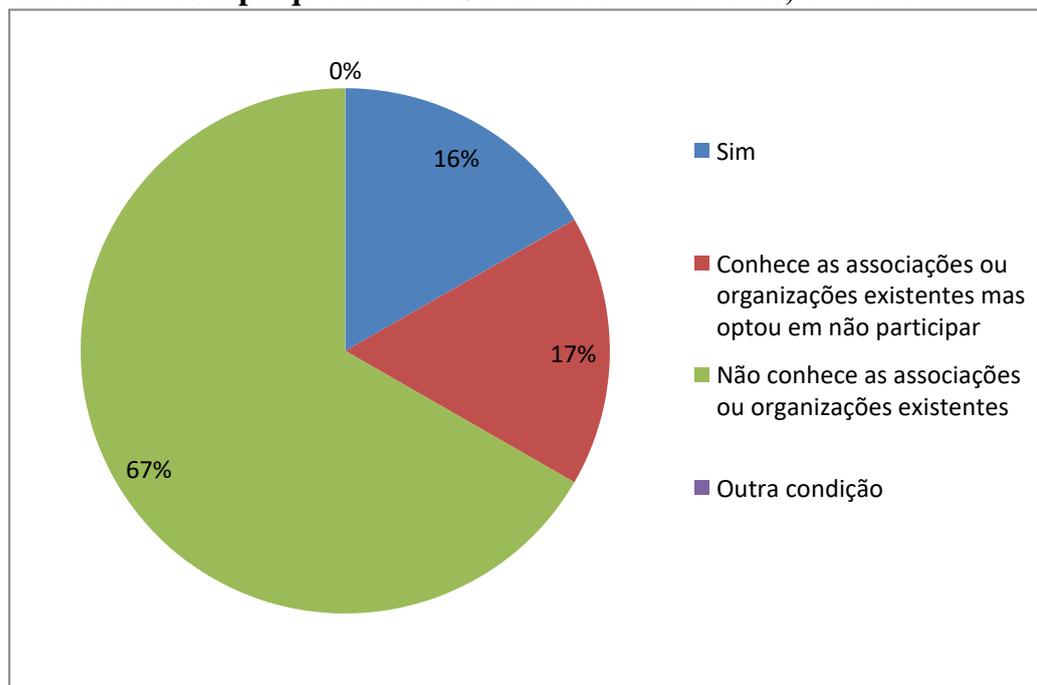
Uma das características que atraem empresas e trabalhadores é a diversidade produtiva, comercial e cultural da cidade, existindo uma grande variedade de atores, atividades e mercados que ajudam para a integração e composição de economias de escala, proporcionando situações para o desenvolvimento endógeno (BARQUERO, 2001).

Com base na teoria, se tem o entendimento que o desenvolvimento endógeno procura identificar quais fatores de produção são essenciais para cada região, definindo-os dentro de cada região e não fora dela. Assim acontece também para que ocorra o desenvolvimento em certas cadeias produtivas, mostrando quais os melhores instrumentos para a melhoria do setor. Com isso, serão apresentados a seguir os resultados das entrevistas com base na teoria do desenvolvimento endógeno.

5.4.1 Sobre o processo cumulativo

Quando os pesquisados são questionados sobre a participação em Organizações ou Associações setoriais (Figura 16), a resposta indica que isso ainda não é uma característica do setor. Percebe-se que 8 produtores (67% dos pesquisados) não conhecem as associações ou as organizações existentes. Dois produtores conhecem, mas optaram por não participarem que equivalem (17% dos pesquisados) e dois produtores que equivalem a 16% dos entrevistados fazem parte de uma associação chamada IBRAOLIVA.

Figura 17 – Participação em Organizações ou Associações Setoriais entre as propriedades olivícolas pesquisadas em Santana do Livramento, em 2018



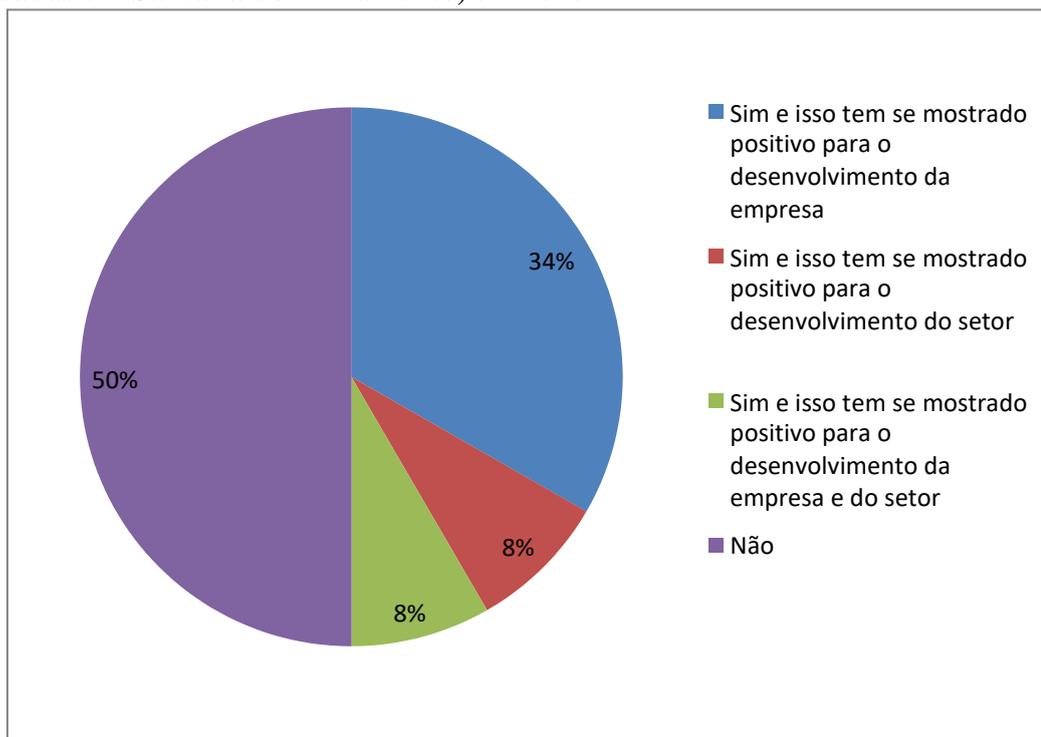
Fonte: Elaborado pela autora, com base no levantamento primário de dados, 2018

O Instituto Brasileiro de Olivicultura (IBRAOLIVA) é uma associação sem fins econômicos, constituída por pessoas físicas e jurídicas, foi criada com o intuito de unir os olivicultores brasileiros e os demais atores da cadeia oleícola do Brasil, tendo como objetivo: promover o desenvolvimento, fortalecimento e competitividade da olivicultura no Brasil (IBRAOLIVA, 2018).

Foi perguntado ainda se de modo informal eles tomam decisões cooperando com outros produtores (Figura 17). Pode-se dizer que aqui encontram-se dois comportamentos distintos: metade das propriedades já atuam em cooperação e observam retornos positivos da ação cooperada e metade das propriedades não atua cooperadamente.

Sobre as respostas de não cooperação, observa-se o seguinte: 50% dos pesquisados (6 deles) não tomam decisões cooperando com outros produtores do setor, 3 deles justificaram as suas respostas, sendo elas pelos motivos: “Não fui solicitado” (ENTREVISTADO P6, 2018). “Ainda é limitado” (ENTREVISTADO P7, 2018) e “Ainda não tivemos a oportunidade de produzir então ainda não estudamos quais decisões futuras tomaremos para poder cooperar, mas é nosso objetivo ajudar a produção local” (ENTREVISTADO P8, 2018).

Figura 18 – Presença de cooperação informal entre as propriedades olivícolas pesquisadas em Santana do Livramento, em 2018



Fonte: Elaborado pela autora, com base no levantamento primário de dados, 2018

Das respostas dos que cooperam, 4 pesquisados (34% do total) tomam decisões cooperando com outros produtores do setor e isso tem se mostrado positivo para o desenvolvimento da empresa. 1 produtor que refere a 8% dos entrevistados tem cooperado com outros produtores do setor e isso tem se mostrado positivo para o desenvolvimento do setor, e 1 produtor afirma cooperar com outros produtores do setor e diz que tem sido positivo tanto para o desenvolvimento do setor, quanto para o desenvolvimento da empresa.

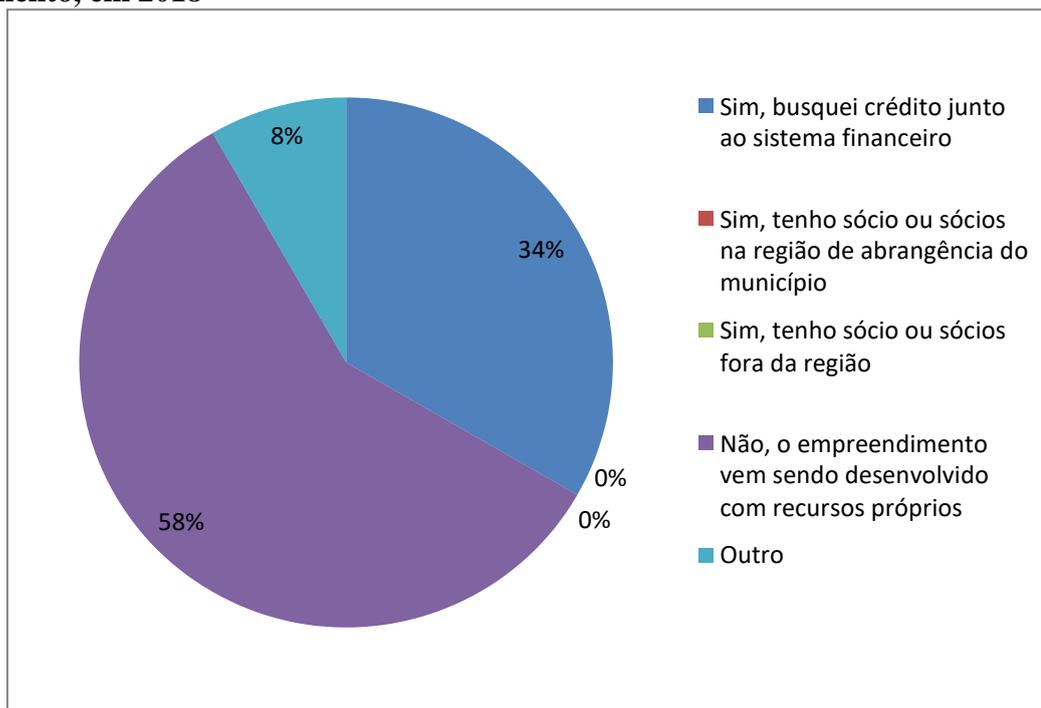
5.4.2 Destino do excedente econômico

Quando questionados sobre o destino dado ao excedente gerado pela produção olivícola, apenas 7 pesquisados indicaram a finalidade. Em detalhe, 3 deles (P1, P8 e P9) investem 100% de seu lucro no seu empreendimento rural em infraestrutura, tecnologia ou expansão do negócio. Já 2 entrevistados investem 70% (P3 e P7) também no empreendimento rural, 1 investe 20% de seu lucro no seu empreendimento rural e 1 entrevistado afirma que investe 70% no empreendimento rural e 30% em benefício da família (lazer, educação, cultura e infraestrutura).

Outra pergunta que foi feita aos entrevistados, com base no excedente econômico, foi se os mesmos já haviam obtido recursos vindos de fontes externas para a ajuda no

desenvolvimento de seu empreendimento (Figura 18). Conforme o gráfico abaixo pode ser observado que 58% dos produtos que se refere a 7 deles não precisou de ajuda externa para desenvolver seu empreendimento, o qual vem sendo desenvolvido com recursos próprios. Já 34% dos entrevistados (4 produtores) buscaram ajuda de crédito junto ao sistema financeiro.

Figura 19– Utilização de recursos oriundos de fontes externas para o desenvolvimento do empreendimento entre as propriedades olivícolas pesquisadas em Santana do Livramento, em 2018



Fonte: Elaborado pela autora, com base no levantamento primário de dados, 2018

Para além do crédito, 1 dos entrevistados (8% do total) buscou apoio com o SEBRAE para iniciar seu empreendimento. SEBRAE é a sigla do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, é uma entidade privada que promove a competitividade e o desenvolvimento sustentável dos empreendimentos de micro e pequeno porte (SEBRAE, 2018).

5.4.3 Práticas da propriedade rural em prol do desenvolvimento endógeno

Nesta seção será apresentado como os produtores do município identificam as práticas de sua propriedade rural, visando analisar se tais práticas são em benefício para que haja desenvolvimento endógeno em Santana do Livramento.

Com base nas respostas obtidas nesta questão (Quadro 4), pode-se observar que sobre a tecnologia ligada ao processo de produção 45% dos entrevistados responderam que

adquirem ou tem acesso no município, 27% informou que não é algo que o empreendimento tenha demandado até o momento, 18% adquire ou tem acesso a partir de importação e 9% adquire ou tem acesso fora da região. Dos 12 entrevistados apenas 1 não respondeu nenhuma das opções.

Quadro 4 – Práticas favoráveis ao desenvolvimento endógeno entre propriedades olivícolas pesquisadas de Santana do Livramento, em 2018.

	Não é algo que o empreendimento tenha demandado até o momento	Adquire ou tem acesso no município	Adquire ou tem acesso na região de inserção do município	Adquire ou tem acesso fora da região	Adquire ou tem acesso a partir de importação
Tecnologia ligada ao processo de produção	27%	45%		9%	18%
Recursos Humanos especializados	9%	82%	9%		
Instituições de apoio para o desenvolvimento do setor (conhecimento)	10%	70%			20%
Apoio financeiro (crédito) para o desenvolvimento do setor	73%	18%	9%		
Organizações de apoio para o desenvolvimento do setor (gestão)	36%	45%		18%	
Políticas públicas para o desenvolvimento do setor	64%	27%	9%		
Organizações que contribuam para o desenvolvimento de inovações voltadas a setor	55%	27%	9%	9%	
Insumos de Produção		64%	9%	27%	
Apoio para o desenvolvimento do empreendimento no que diz respeito à gestão do mesmo	45%	36%	9%	9%	

Fonte: Elaborado pela autora, com base no levantamento primário de dados, 2018.

Quando a pergunta foi feita sobre recursos humanos especializados, 82% responder que adquire ou tem acesso no município, 9% informou que não é algo que o empreendimento tenha demandado até o momento e 9% que adquire ou tem acesso na região de inserção do município.

Sobre as instituições de apoio para o desenvolvimento do setor, 70% diz adquirir ou ter acesso no município, 20% adquire ou tem acesso a partir de importação e 10% diz que não é algo que o empreendimento tenha demandado até o momento.

Quanto ao apoio financeiro (crédito) para o desenvolvimento do setor 73% informa que não é algo que o empreendimento tenha demandado até o momento, 18% afirma adquirir ou ter acesso no município e 9% adquire ou tem acesso na região de inserção do município.

Sobre organizações de apoio para o desenvolvimento do setor (gestão), 45% dos entrevistados informam adquirirem ou terem acesso no município, 36% afirmam não ser algo

que o empreendimento tenha demandado até o momento e 18% adquire ou tem acesso fora da região.

Quando questionado sobre políticas públicas para o desenvolvimento do setor, 64% dos entrevistados afirmaram que não é algo que o empreendimento tenha demandado até o momento, 27% adquire ou tem acesso no município e 9% diz que adquire ou tem acesso na região de inserção do município.

Sobre as organizações que contribuam para o desenvolvimento de inovações voltadas para o setor, 55% dos entrevistados dizem não ser algo que o empreendimento tenha demandado até o momento, 27% afirmam que adquirem ou tem acesso no município, 9% adquirem ou tem acesso na região de inserção do município e 9% adquire ou tem acesso fora da região.

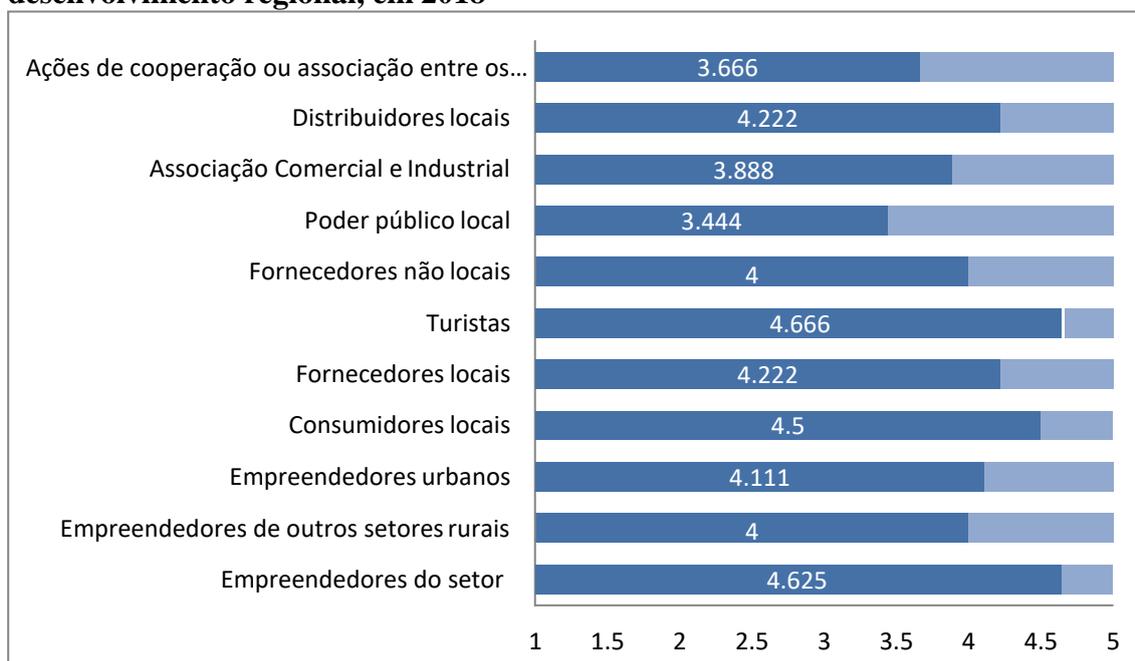
Insumos de produção, 64% dos entrevistados afirmam adquirir ou terem acesso no município, 9% adquire ou tem acesso na região de inserção do município e 27% adquire ou tem acesso fora da região.

E por fim sobre o apoio para o desenvolvimento do empreendimento no que diz respeito à gestão do mesmo, 45% afirma que não é algo que o empreendimento tenha demandado até o momento, 36% adquire ou tem acesso no município, 9% informa adquirir ou ter acesso na região de inserção do município e 9% adquire ou tem acesso fora da região.

5.4.4 Análise das relações do setor com a sociedade local

Sobre a relação do setor com a sociedade local, os pesquisados foram apresentados a um rol de possibilidades de interação com outros atores regionais e deveriam indicar se são bem recebidos ou não por cada um dos atores listados. Para que fizessem a indicação, foi oferecida uma escala Likert de 5 pontos assim organizada: a. Muito bem recebido (5 pontos); b. Bem recebido (4 pontos); c. A reação é de indiferença (3 pontos); d. Mal recebido (2 pontos); e. Muito mal recebido (1 ponto). A figura 20 resume a percepção dos entrevistados sobre como eles são recebidos pelos demais atores locais envolvidos com o desenvolvimento regional.

Figura 20 – Percepção dos pesquisados das propriedades olivícolas em Santana do Livramento sobre a forma como são recebidos pelos demais atores envolvidos no desenvolvimento regional, em 2018



Fonte: Elaborado pela autora, com base no levantamento primário de dados, 2018.

Com base nas respostas dos entrevistados foi elaborada uma média com base na escala Likert. Sobre as ações de cooperação ou associação entre os empreendedores setoriais, Associação Comercial e Industrial e Poder público, a receptividade apontada pelos entrevistados com base na escala Likert, é de reação de indiferença. Os empreendedores de outros setores rurais, empreendedores urbanos, fornecedores locais, fornecedores não locais e distribuidores locais são bem recebidos. Interessante observar que os consumidores locais, empreendedores do setor e turistas, na escala likert estão com uma receptividade muito próxima de muito bem recebido.

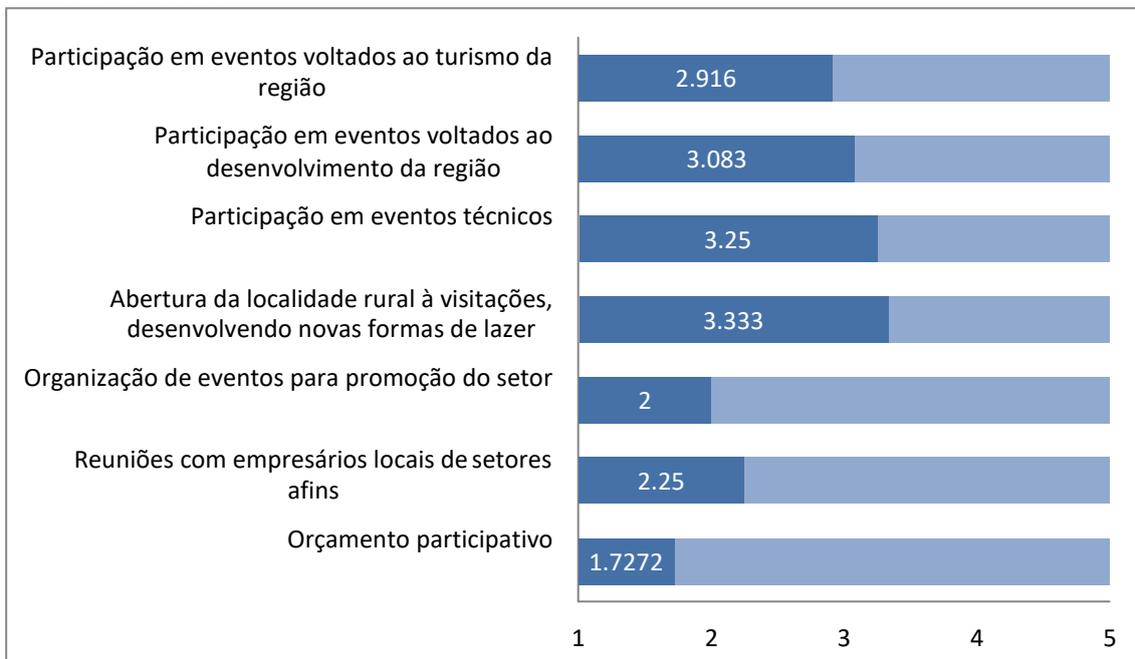
5.4.5 Análise do planejamento de desenvolvimento local

Para ter uma visão de como os pesquisados avaliam o desenvolvimento da olivicultura em Santana do Livramento, foi dita uma afirmativa, na qual os pesquisados deveriam indicar se concordam ou não com a mesma. A afirmativa proposta é: “O planejamento do desenvolvimento local envolve claramente a sociedade civil, o mercado e o poder público”. Foi fornecido uma escala Likert de 5 pontos, organizada dessa forma: a. Concordo fortemente (5 pontos); b. Concordo (4 pontos); c. Nem concordo nem discordo (3 pontos); d. Discordo (2 pontos); e. Discordo fortemente (1 ponto). Com base nas respostas obtidas pelos

entrevistados, houve uma média de 3,83, por estar muito próximo de 4, pode ser afirmado que concordam com a afirmativa proposta.

Sobre a frequência na participação nas atividades locais, os pesquisados deveriam indicar sua regularidade em tais, indicando se nunca ou sempre participam por cada atividade listada. Foi estabelecida uma escala Likert de 5 pontos, organizada dessa forma: a. Nunca (1 ponto); b. Raramente (2 pontos); c. Às vezes (3 pontos); d. Frequentemente (4 pontos); e. Sempre (5 pontos). Demonstrado na figura 21 o resumo da frequência dos entrevistados sobre as atividades locais.

Figura 21– Frequência de participação dos olivicultores de Santana do Livramento em atividades locais



Fonte: Elaborado pela autora, com base no levantamento primário de dados, 2018.

Já sobre a frequência dos entrevistados em algumas atividades sobre o setor, a frequência respectivamente foi de “nunca” para orçamento participativo, “raramente” em organizações de eventos para promoção do setor, reuniões com empresários locais de setores afins. A participação em eventos voltados ao turismo da região ficou com uma média de 2,916, ficando quase em “às vezes”. E “frequentemente” os entrevistados participam em eventos voltados ao desenvolvimento da região, eventos técnicos e abertura da localidade rural às visitas, desenvolvendo novas formas de lazer. Neste sentido, pode ser observado que há bastante divergência de opiniões entre os entrevistados.

5.4.6 Análise consolidada sobre o desenvolvimento endógeno da olivicultura em Santana do Livramento

Corroborando a teoria foi observado no setor olivícola de Santana do Livramento-RS que o processo cumulativo e a capacidade de organização coletiva dos produtores não é ainda uma característica do setor, mas parece estar em processo de desenvolvimento. Isso é reforçado quando percebe-se que apenas dois dos entrevistados fazem parte de uma associação e mais da metade desconhecem as que existem. Um ponto positivo neste processo é que a metade dos entrevistados já tomam decisões cooperando entre eles.

A maior parte dos produtores entrevistados mantém seu empreendimento com recursos próprios, e os excedentes do empreendimento são usados para o desenvolvimento do mesmo. Ou seja, existe reinvestimento local e uma pequena parte utilizam seus excedentes para lazer familiar, dito isso, com base na teoria, está havendo retenção de excedente econômico que está sendo criado na economia local.

Aproximadamente metade dos produtores entrevistados adquire o que necessitam, bem como a tecnologia voltada ao processo de produção, e o suporte preciso para o desenvolvimento do empreendimento no município e na região onde o município está instalado. Já os colaboradores especializados e os insumos de produção são, de modo geral, encontrados e adquiridos dentro do município, portanto, em relação a teoria, existe fatores que estabelecem essas características serem consideradas um desenvolvimento endógeno.

A teoria diz que uma das características do desenvolvimento endógeno vem a ser a formação de políticas de fortalecimento e qualificação das estruturas internas, gerando a inovação. No município foi visto que não existe essa característica, pois mais da metade dos produtores acredita que não seja necessário no momento para o seu empreendimento. Pode-se dizer que é algo que não está acontecendo e que os mesmos não acham relevante para o cenário atual.

Quadro 5 – Consolidação da análise sobre as características de desenvolvimento da olivicultura em Santana do Livramento confrontada com elementos da revisão de literatura

Característica retirada da teoria	Característica da Olivicultura em Santana do Livramento
O processo cumulativo passa pela relação entre os agentes e pela capacidade de organização coletiva destes.	Metade dos produtores coopera entre eles, a outra metade não coopera entre eles. E apenas 37% conhecem ou participam das associações e organizações existentes.
Retenção de excedente econômico criado na economia local ou a atração de excedentes originários de outras regiões, resultando no aumento do emprego, do produto e da renda do local ou da região.	A maioria dos produtores desenvolve seu empreendimento com recursos próprios. Os excedentes do empreendimento são utilizados para o desenvolvimento do local, e parte para lazer familiar.
Inclusão de outros fatores de produção, bem como ciência e tecnologia, capital humano, pesquisa e desenvolvimento, conhecimento, instituição e meio ambiente. Todos estes fatores devem ser estabelecidos dentro da região pelo meio endógeno.	Cerca de metade dos produtores adquire tecnologia ligada ao processo de produção, apoio para o desenvolvimento do empreendimento dentro do município e dentro da região. Colaboradores especializados, gestão e insumos de produção são adquiridos dentro do município.
Estabelecimento de políticas de fortalecimento e qualificação das estruturas internas visando à fundação do desenvolvimento local como algo que gera a inovação.	Maior parte dos entrevistados acreditam que não há necessidade, até o momento da pesquisa, de que haja políticas públicas voltadas para o desenvolvimento do setor
Estabelecimento de relações do setor com a sociedade local.	Existe uma boa relação entre o setor e a sociedade local
Uso de fornecedores de materiais e serviços locais.	São utilizados principalmente materiais e serviços locais
Estímulo ao sentido empreendedor nos cidadãos: existência de incubadoras de empresas, Capacitação para métodos sócio-produtivos mais favoráveis, Capacitação empresarial, gerencial e tecnológica, Desenvolver APLs locais, Acesso a crédito ou micro- crédito local.	De modo geral, os produtores não necessitaram desses fatores até o momento da pesquisa, ou adquiriram ou tiveram acesso a eles no município, quando necessário.
Planejamento do Desenvolvimento Local (ou do setor) que conte com vários atores (sociedade civil, o mercado e o poder público).	Ainda há pouco, mas há interesse entre produtores em planejar e terem mais envolvimento do setor em prol do desenvolvimento local.

Fonte: elaborado pela autora.

A relação do setor olivícola com a sociedade local, pode-se dizer que está em processo de amadurecimento, pois a maior parte dos produtores não estão ofertando no comércio local, devido a fase em que se encontra a produção.

Com base na teoria, a demanda por materiais e serviços locais está sendo sanada por meio de fornecedores do município, sendo que há produtores que até mesmo fornecem mudas e auxiliam com o conhecimento sobre a produção, porém há produtores que buscam fora do município esses serviços. Sendo necessária a compra de alguns materiais em outras regiões, por não haver oferta local.

Ainda não há no município o estímulo por meio de incubadoras, APLs locais e crédito específico para a olivicultura, porém, existem grupos entre os produtores que colaboram uns com os outros, trocando ideias e conhecimentos. Pode-se dizer que esses estímulos não

acontecem ainda, pois essa produção é recente no município, não havendo no momento um grande interesse do aprofundamento nesse setor.

Em relação ao planejamento do desenvolvimento local, foi observado que parte dos produtores locais tem interesse, mas não o buscam no momento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal neste estudo foi analisar a emergência do complexo olivícola em Santana do Livramento-RS, sob a perspectiva do desenvolvimento regional endógeno. Por ser a olivicultura um assunto recente, foi necessário buscar dados e informações sobre a cultura, o seu surgimento e produção em âmbito mundial e nacional.

O objetivo geral e os objetivos específicos foram atingidos, foi descrito o histórico de desenvolvimento do setor olivícola no município, investigou-se a evolução da produção olivícola em Santana do Livramento em comparação com o Rio Grande do Sul e o Brasil, caracterizou-se os produtores do setor olivícola estabelecidos no município e identificaram-se as características de emergência e evolução do setor, com base do desenvolvimento regional endógeno. Apesar de não haver estudos específicos sobre o perfil dos produtores de oliveiras do município, os dados levantados permitiram estabelecer o perfil desses, por meio de entrevistas e questionário com os próprios produtores.

Foi possível entender a cultura, como ela se expandiu pelo mundo, chegando ao Brasil e se mantendo principalmente em quatro estados brasileiros, e o surgimento dela no município de Santana do Livramento-RS. No que se refere à introdução e ao cultivo no município de Santana do Livramento-RS, conclui-se, através desta análise, que, apesar de ser uma cultura nova, está crescendo cada vez mais nele e já executa transações da cadeia de produção e comercialização dos produtos azeitona e azeite de oliva nesse município, que, conforme os dados do IBGE (2018), desde o ano 2015 é o maior produtor do Rio Grande do Sul.

Tanto os produtores que vieram de outra região para o cultivo no município, quanto os produtores locais viram nessa planta a possibilidade de geração de renda, e estão investindo no setor com este objetivo. Foi observado através das entrevistas que alguns produtores cooperam entre si, apesar de não terem uma associação no município. Os produtores buscam e encontram a maior parte dos insumos dentro desta localidade, assim como a mão de obra. Os excedentes (lucros) dos produtores que já produzem ficam principalmente no município, e são utilizados em infraestrutura, tecnologia e expansão do empreendimento rural e em benefício da família. Sendo essas algumas das características para que ocorra o desenvolvimento endógeno e que já estão presentes em Santana do Livramento.

Existem muitas barreiras a serem enfrentadas pelos produtores locais, que vão do plantio à produção, necessitando que haja estudos sobre qual o melhor tipo de planta para o solo e clima santanense e organizações que colaborem com a troca de conhecimentos, pois é importante a união desses produtores para o fortalecimento desse cultivo no município. Pode-

se dizer que estão surgindo as condições para um desenvolvimento endógeno, como a interação e o envolvimento entre os membros da comunidade ou localidade, em benefício do coletivo, que possivelmente fará com que o plantio de oliveiras passe a fornecer uma nova perspectiva, tanto para o produtor, quanto para a comunidade. Essa atividade ainda é recente, ao longo do seu desenvolvimento muita coisa pode acontecer. Com o esforço de alguns produtores, como o Sr Fernando Rotondo, a industrialização poderá vir a ocorrer no município. Com base neste estudo, pode ser dito, que o município de Santana do Livramento está em um processo de desenvolvimento desse setor e que a longo prazo, poderá conduzir o município ao desenvolvimento endógeno.

Esse estudo possibilitou a produção de conhecimento sobre um assunto pouco explorado, colaborando, por meio dos resultados nele obtidos, com subsídios para o desenvolvimento local, em benefício da sociedade. Esta pesquisa se propõe a ser o início de uma trajetória de novas pesquisas que sirvam de contribuição para o desenvolvimento do município de Santana do Livramento, por meio da olivicultura. Sugere-se que as próximas pesquisas dêem continuidade a este mapeamento, pois muitos produtores irão ter suas colheitas nos anos a seguir. Assim aprofundando o estudo sobre essa produção, complementando-a e aperfeiçoando-a.

REFERÊNCIAS

- ADEJ. **Agência de desenvolvimento de Jundiá e Região**, 2018 Disponível em: <<http://www.adej.org.br/desenvolvimento.asp>>. Acesso: 13/06/2018.
- AMARAL FILHO, J. do. **Desenvolvimento regional endógeno: (re)construção de um conceito, reformulação das estratégias**. Revista Econômica do Nordeste, v. 26, n. 3, 1995.
- AMARAL FILHO, J. **A endogeneização no desenvolvimento econômico regional e local**. Planejamento e políticas públicas, n. 23, 2009.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARQUERO, A. V. **Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- BARQUERO, Antonio V. Desarrollo local. **Una estrategia de creación de empleo. Pirámide (Madrid)**, 1988.
- BARQUERO, Antonio V. **Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização/** Antonio Vásquez Barquero, tradução de Ricardo Brinco. – Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 2001. 280p.
- BRASIL. Secretaria da Agricultura, Pecuária e Irrigação. Portaria 059/2017, art. 90, III, da Constituição Estadual; art. 6º, parágrafo único, da Lei Estadual nº 14.185, de 28 de dezembro de 2012, e o art. 12 do Decreto Estadual nº 51.039, de 17 de dezembro de 2013. **Diário Oficial União**. Disponível em:<<http://www.agricultura.rs.gov.br/upload/arquivos/201709/15112753-portaria-59-cadastro-olivicola.pdf>> Acesso: em 03 de novembro de 2018.
- CABUGUEIRA, A. C. M. **Do desenvolvimento regional ao desenvolvimento local. Análise de alguns aspectos de política econômica regional**. Viseu:Universidade Católica Portuguesa. Instituto Universitário de Desenvolvimento e Promoção Social, Gestão e Desenvolvimento, Nº 9, p. 103-136, 2000.

CARDOSO, C. A.; DIAS, M. F. D. Cadeia da Olivicultura. **Série Agronegócios do Sul**. Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Disponível em:

<<https://wp.ufpel.edu.br/gpeia/files/2018/02/CADEIA-DA-OLIVICULTURA-1.pdf>> Acesso em: 30 outubro de 2018.

CAVALCANTE, L. R. M. T. **Produção Teórica em Economia Regional: uma proposta de sistematização**. Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos. São Paulo, vol. 02, nº 1, p. 09-32, 2008.

CHELOTTI, Marcelo Cervo. A dinâmica do espaço agrário no município de sant'ana do livramento/rs: das sesmarias aos assentamentos rurais. **Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia**, v. 3, n. 1, p. 53-70, 2007.

COSTA, F. A. **Polaridades e desenvolvimento endógeno no sudeste paraense** Polaritiesandendogenousdevelopment in theSoutheastof Para. Polaridades y Desarrollo Endógeno enel Sudeste Paraense. Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Vol. 6, n. 10, p. 29-54, 2005.

COSTA, Vagner Brasil. **Efeito das condições climáticas na fenologia da videira européia em Santana do Livramento**, Rio Grande do Sul. 2011.

COUTINHO, E. F. *et al.* **Oliveira: aspectos técnicos e cultivo no Sul do Brasil**. Brasília, DF: Embrapa, 2015.

COUTINHO, Enilton Fick; RIBEIRO, Fabrício Carlotto; CAPPELLARO, Thaís Helena. **Cultivo de oliveira (Olea europaea L.)**. Embrapa Clima Temperado-Sistema de Produção (INFOTECA-E), 2009.

DA SILVA, T. M. **Caracterização da estrutura da cadeia produtiva da olivicultura no estado do Rio Grande do Sul: o caso das propriedades rurais de Cachoeira do Sul**. Cachoeira do Sul, 2013.

DAROIT, G. Azeitona também é coisa de gaúcho. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 19 de abril de 2016. Disponível em: <www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2016/04/cadernos/empresas_e_negocios/492971-azeitona-tambem-e-coisa-de-gaucha.html> Acesso em: 01 novembro de 2018.

ENGELMANN, Daniel. **Da estância ao parreiral: um estudo de caso sobre a vitivinicultura em Santana do Livramento/RS**. 2009.

FAOSTAT, **Food, agriculture organization of the United Nations**. Statistical database, 2018.

FOCHEZATTO, A. **Desenvolvimento regional: recomendações para um novo paradigma produtivo**. O ambiente regional. Três décadas de economia gaúcha, v.1, 2010.

FILIPPINI ALBA, José Maria et al. Zoneamento edáfoclimático da olivicultura para o Rio Grande do Sul. In: **Embrapa Clima Temperado-Artigo em anais de congresso (ALICE)**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FRUTICULTURA, 23, 2014, Cuiabá. Anais... Cuiabá: SBF, 2014.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, 6ª edição. Editora atlas, 2008.

GOMES, Pimentel. **A olivicultura no Brasil**. Nobel, 1979.

HIRSCHMAN, Albert O. **The strategy of economic development**. 1958.

IBGE. Instituto Nacional de Geografia e Estatística. **Produção Agrícola Municipal**. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5457#resultado>> Acesso em: 01 novembro de 2018.

_____. **Censo Agro 2017**. Disponível em: <https://censoagro2017.ibge.gov.br/templates/censo_agro/resultadosagro/agricultura.html?localidade=43&tema=76234> Acesso em: 01 novembro de 2018.

_____. **EstatGeo** **Mapas.** Disponível: <<http://www.estatgeo.ibge.gov.br/mapa/mapa.html?ni=6&ui=4317103&nz=9&uz=43030&nm2=1&nm3=1&nm6=1&nm9=1>> Acesso em: 01 novembro de 2018.

_____. Sant'Ana do Livramento. In: **ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959. v. 33, p. 330-341. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/biblioteca/visualizacao/livros/liv27295_33.pdf> Acesso em: 01 novembro de 2018.

IBRAOLIVA. **Instituto Brasileiro de Olivicultura.** Disponível em: <<https://www.ibraoliva.com.br/sobre>> Acesso em: 01 novembro de 2018.

ISARD, W. **Location and space-economy**. 1956.

JORGE, R. O. **Custos de implantação de olival na Metade Sul do Rio Grande do Sul.** Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. v. 2, 2018.

JORNAL DO COMÉRCIO, **Azeitona também é coisa de gaúcho**, Guilherme Daroit, 18 de abril de 2016, Porto Alegre.

KEYNES, J. M. 1936. **The General Theory of Employment, Interest and Money**, v. 7, 1973.

LIMA, A. E. M. **A Teoria do Desenvolvimento Regional e o papel do Estado.** Revista Análise Econômica. Porto Alegre, ano 24, nº 45, p. 65-90, Março, 2006.

MATHIAS, J. Como plantar oliveira. **Globo Rural**, Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 2015. Disponível em: <<https://revistagloborural.globo.com/vida-na-fazenda/como-plantar/noticia/2015/01/como-plantar-oliveira.html>> Acesso em: 01 novembro de 2018.

MYRDAL, G. **Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas.** Editora Saga, 1965.

PERROUX, F.; DE FREITAS, J. L. **A economia do século XX**, 1967.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2012.

SAINT-HILAIRE, Auguste de, 1779-1853. **Viagem ao Rio Grande do Sul** / Auguste de Saint-Hilaire; tradução de Adroaldo Mesquita da Costa. -- Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: AMGH, 2013.

SÁNCHEZ, Andrea Quadrelli. **A fronteira inevitável: um estudo sobre as cidades de fronteira de Rivera (Uruguai) e Santana do Livramento (Brasil) a partir de uma perspectiva antropológica**, 2002.

SEBRAE. **Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas**. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/canais_adicionais/conheca_quemsomos> Acesso em: 01 novembro de 2018.

SECRETARIA DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E IRRIGAÇÃO. **Abertura oficial da colheita das oliveiras no RS acontece no próximo dia 05.2015**. Disponível em: <<http://www.agricultura.rs.gov.br/abertura-oficial-da-colheita-das-oliveiras-no-rs-acontece-no-proximo-dia-05>> acesso: 25/06/2018.

SOUZA, de N. J. **Desenvolvimento Regional**. São Paulo, Atlas, 2009

STEINKEL, E.; BAUMGARTEN, J. T. **Desenvolvimento endógeno e cultural como contingente de inovação: o relato do caso da estratégia saúde famílias como propulsor inovacional de um bairro em uma cidade da região noroeste do estado do rio grande do sul**. III Encontro nacional de propriedade intelectual, Santo Angelo, V. 3, n.1, 2017.

TENÓRIO, Fernando G. **Desenvolvimento local. Cidadania e desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: FGV, p. 71-101, 2007.

TERAMOTO, Juliana R. S. **Histórico da cultura da Oliveira no Brasil**. 2010. 31 slides. Secretaria Paulista e Abastecimento - Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA). Disponível em: <http://www.apta.sp.gov.br/olivasp/anexos/HISTORICO_INTRODUCAO_CULTURA_OLIVEIRA_NO_BRASIL.pdf> Acesso: em 15 de agosto de 2018.

TERAMOTO, J.R.S; BERTONCINI, E.I.; PRELA-PANTANO **Desafios para produção de azeite no Brasil**. 2010. Artigo em Hypertexto. Disponível em: <http://www.infobibos.com/Artigos/2010_4/DesafioOliva/index.htm>. Acesso em: 29/10/2018

TERAMOTO, J.R.S; BERTONCINI, E.I.; PRELA-PANTANO **Histórico da introdução da cultura da oliveira no Brasil**. 2010. Artigo em Hypertexto. Disponível em: <http://www.infobibos.com/Artigos/2010_4/HistoricoOliveira/index.htm>. Acesso em: 22/10/2018.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. **Outros números do Informe Rural ETENE: ANO**, v. 3, p. 25, 2009.

VIEIRA, E. T.; DOS SANTOS, M. J. **Desenvolvimento econômico regional – uma revisão histórica e teórica**. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, V. 8, n.2, 2012.

VILAR Juan; PEREIRA, Jorge Enrique. La olivicultura internacional Difusión histórica, análisis estratégico y visión descriptiva. Fundación Caja Rural de Jaén. Espanha, 2018

VON THUNEN, J. **Izolirovannoe gosudarstvo [Isolated State]**. Moscow: Ekonomicheskaja zhizn, 1926.

WREGE, M. S.; COUTINHO, E. F.; PANTANO, A.P.; JORGE, R. O. **Distribuição potencial de oliveiras no brasil e no mundo**. Revista Brasileira Frutic. Jaboticaba-SP. V. 37, n. 3, p. 656-666, 2015.

ANEXOS

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA APLICADO AOS OLIVICULTORES DE SANTANA DO LIVRAMENTO

ETAPA 1 – SOBRE O SETOR

SEÇÃO 1. IDENTIFICAÇÃO DA PROPRIEDADE

1. Posição geográfica da propriedade:
(ver se é possível conseguir posição de latitude e longitude para identificarmos em um mapa)
2. Tamanho da propriedade (em hectares):
3. Idade média do pomar (em anos):
4. Área plantada com pomar (em hectares):
5. Número de oliveiras plantadas (em unidades):

SEÇÃO 2: ESTÁGIO DE EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DO POMAR

1. O pomar já está produzindo? () sim () Não
2. Se a resposta à pergunta anterior for sim, há quanto tempo? _____
3. Qual o número de árvores produtivas? _____
4. Se a resposta a questão 1 for NÃO, quanto tempo levará para produzir? _____ anos
5. Qual a produção anual de azeitonas? _____ toneladas
6. Qual a produção anual de azeite de oliva? _____ litros () ainda não produz azeite

SEÇÃO 3: TRAJETÓRIA DA ORGANIZAÇÃO DA ATIVIDADE

1. () o azeite é produzido na propriedade rural ou em outra empresa do mesmo dono
2. () a azeitona é vendida para uma empresa que produz azeite. Nome da empresa:

3. () o azeite é produzido por uma empresa contratada para a prestação de serviço de transformação industrial, mas leva a marca da propriedade rural.
4. () outra condição. Especificar:
5. Em que local fica localizada a empresa que faz a produção de azeite (nome do município e estado): _____

SEÇÃO 4: PERFIL DO EMPREENDEDOR:

- () É alguém da região que já atuava na produção rural e recentemente percebeu a olivicultura como alternativa de diversificação de renda.
- () É alguém da região que já atuava em atividade empreendedora urbana e a olivicultura como alternativa de diversificação de sua renda.
- () É alguém da região que era assalariado e percebeu a olivicultura como alternativa de diversificação de renda
- () É alguém que veio de outra região para empreender especificamente na olivicultura
- () É alguém que veio de outra região, já está radicado há algum tempo e encontrou uma alternativa de negócio na olivicultura
- () Outra. Especificar: _____
- () Se é alguém que veio de fora, por que escolheu Livramento? Especificar

ETAPA 2 - SOBRE O DESENVOLVIMENTO ENDÓGENO

SEÇÃO 1 – PROCESSO CUMULATIVO

1. A propriedade faz parte de organizações ou associações setoriais?
- () Sim. Especificar quais: _____
- () Explicar por que escolheu estas: _____
- () Conhece as associações ou organizações existentes mas optou em não participar.
- () Não conhece as associações ou organizações existentes
- () Outra condição. Especificar: _____
2. De modo informal você toma decisões cooperando com outros produtores do setor?
- () Sim e isso tem se mostrado positivo para o desenvolvimento da empresa.
- () Sim e isso tem se mostrado positivo para o desenvolvimento do setor.
- () Sim e isso tem se mostrado positivo para o desenvolvimento da empresa e do setor
- () Não. Justificar: _____

SEÇÃO 2 – EXCEDENTE ECONÔMICO

- 1 Qual o destino das rendas excedentes (lucro) gerados na sua propriedade rural? (indicar % aproximado do uso em cada opção)
- () _____% São investidos no empreendimento rural (infraestrutura, tecnologia, expansão do negócio)
- () _____% São investidos em benefício da família (lazer, educação, cultura, infraestrutura)
- () _____% São investidos em empreendimento na área urbana do município (indústria, comércio ou serviço)
- () _____% São investidos em imóveis no município
- () _____% São investidos em empreendimentos fora do município
- () _____% São investidos em imóveis fora do município
- () _____% São investidos no mercado financeiro
- () _____% Outros. Especificar: _____
2. Você já recebeu recursos oriundos de fontes externas para ajudar no desenvolvimento do empreendimento?
- () Sim, busquei crédito junto ao sistema financeiro
- () Sim, tenho sócio ou sócios na região de abrangência do município
- () Sim, tenho sócio ou sócios fora da região

- () Não, o empreendimento vem sendo desenvolvido com recursos próprios
 () Outro. Especificar: _____

SEÇÃO 3 – PRÁTICAS DA PROPRIEDADE RURAL EM PROL DO DESENVOLVIMENTO ENDÓGENO

1. Marque com um X a alternativa que melhor identificar as práticas de sua propriedade rural:

	Não é algo que o empreendimento tenha demandado até o momento	Adquire ou tem acesso no município	Adquire ou tem acesso na região de inserção do município	Adquire ou tem acesso fora da região	Adquire ou tem acesso a partir de importação
Tecnologia ligada ao processo de produção					
Recursos Humanos especializados					
Instituições de apoio para o desenvolvimento do setor (conhecimento)					
Apoio financeiro (crédito) para o desenvolvimento do setor					
Organizações de apoio para o desenvolvimento do setor (gestão)					
Políticas públicas para o desenvolvimento do setor					
Organizações que contribuam para o desenvolvimento de inovações					

voltadas ao setor					
Insumos de Produção					
Apoio para o desenvolvimento do empreendimento no que diz respeito à gestão do mesmo					

SEÇÃO 4 – RELAÇÕES DO SETOR COM A SOCIEDADE LOCAL

1. Identifique a afirmativa que melhor representa sua relação e a do seu empreendimento com a sociedade local

	É muito bem recebido	É bem recebido	A reação é de indiferença	É mal recebido	É muito mal recebido
Empreendedores do setor					
Empreendedores de outros setores rurais					
Empreendedores urbanos					
Consumidores locais					
Fornecedores locais					
Turistas					
Fornecedores não locais					
Poder público local					
Associação Comercial e Industrial					
Distribuidores locais					
Ações de cooperação ou associação entre os empreendedores setoriais					

SEÇÃO 5 – PLANEJAMENTO DE DESENVOLVIMENTO

1. No que concerne ao desenvolvimento da olivicultura em Santana do Livramento, como você avalia a seguinte afirmativa: “o planejamento do desenvolvimento local envolve claramente a sociedade civil, o mercado e o poder público”

- () Concordo fortemente
 () Concordo
 () nem concordo nem discordo
 () Discordo
 () Discordo fortemente

2. Assinale sua frequência de participação nas atividades a seguir

	Nunca	Raramente	As vezes	Frequentemente	Sempre
Orçamento participativo					
Reuniões com empresários locais de setores afins					
Organização de eventos para promoção do setor					
Abertura da localidade rural à visitasões, desenvolvendo novas formas de lazer					
Participação em eventos técnicos					
Participação em eventos voltados ao desenvolvimento da região					
Participação em eventos voltados ao turismo da região					